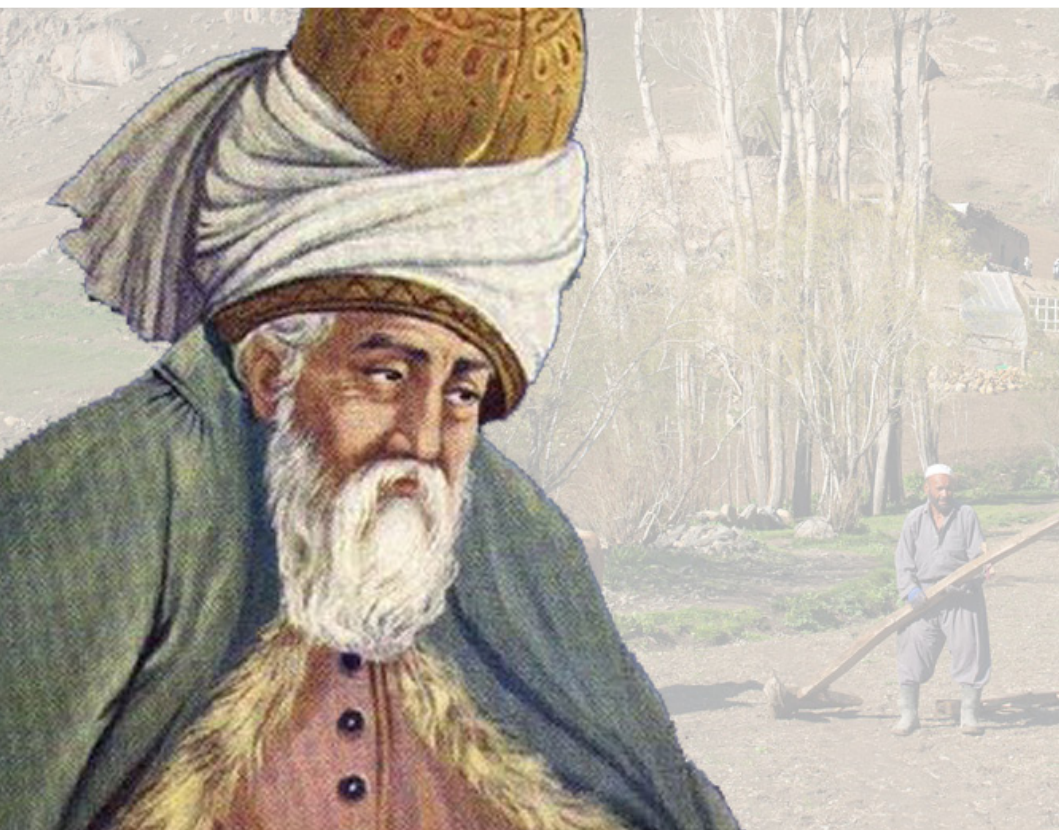


Cadernos **IHU** *ideias*



JESUÍTAS BRASIL

ISSN 1679-0316 (impresso) • ISSN 2448-0304 (online)
ano 18 • nº 294 • vol. 18 • 2020



O Mar da Unidade:

roteiro livre para a leitura do Masnavi de Rûmî

Faustino Teixeira



INSTITUTO
HUMANITAS
UNISINOS



UNISINOS

Cadernos
IHU *ideias*

**O Mar da Unidade:
roteiro livre para a leitura do
Masnavi de Rûmî**

Faustino Teixeira

Prof. Dr. do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Religião
Universidade Federal de Juiz de Fora - UFJF

ISSN 1679-0316 (impresso) • ISSN 2448-0304 (online)
ano 18 • nº 294 • vol. 18 • 2020



Cadernos IHU ideias é uma publicação quinzenal impressa e digital do **Instituto Humanitas Unisinos** – IHU que apresenta artigos produzidos por palestrantes e convidados(as) dos eventos promovidos pelo Instituto, além de artigos inéditos de pesquisadores em diversas universidades e instituições de pesquisa. A diversidade transdisciplinar dos temas, abrangendo as mais diferentes áreas do conhecimento, é a característica essencial desta publicação.

UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS – UNISINOS

Reitor: Marcelo Fernandes de Aquino, SJ

Vice-reitor: Pedro Gilberto Gomes, SJ

Instituto Humanitas Unisinos

Diretor: Inácio Neutzling, SJ

Gerente administrativo: Nestor Pilz

ihu.unisinos.br

Cadernos IHU ideias

Ano XVIII – Nº 294 – V. 18 – 2020

ISSN 1679-0316 (impresso)

ISSN 2448-0304 (online)

Editor: Prof. Dr. Inácio Neutzling – Unisinos

Conselho editorial: MS Rafael Francisco Hiller; Profa. Dra. Cleusa Maria Andreatta; Prof. Dr. Lucas Henrique da Luz; MS Marcia Rosane Junges; Profa. Dra. Marilene Maia; Profa. Dra. Susana Rocca.

Conselho científico: Prof. Dr. Adriano Naves de Brito, Unisinos, doutor em Filosofia; Profa. Dra. Angelica Massuquetti, Unisinos, doutora em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade; Profa. Dra. Berenice Corsetti, Unisinos, doutora em Educação; Prof. Dr. Celso Cândido de Azambuja, Unisinos, doutor em Psicologia; Prof. Dr. César Sanson, UFRN, doutor em Sociologia; Prof. Dr. Gentil Corazza, UFRGS, doutor em Economia; Profa. Dra. Suzana Kilpp, Unisinos, doutora em Comunicação.

Responsável técnico: MS. Ricardo de Jesus Machado

Imagem da capa: Arte IHU

Revisão: Carla Bigliardi

Editoração: Ricardo Machado

Impressão: Impressos Portão

Cadernos IHU ideias / Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Instituto Humanitas Unisinos. – Ano 1, n. 1 (2003). – São Leopoldo: Universidade do Vale do Rio dos Sinos, 2003- . . . v.

Quinzenal (durante o ano letivo).

Publicado também on-line: <<http://www.ihu.unisinos.br/cadernos-ihu-ideias>>.

Descrição baseada em: Ano 1, n. 1 (2003); última edição consultada: Ano 11, n. 204 (2013).

ISSN 1679-0316

1. Sociologia. 2. Filosofia. 3. Política. I. Universidade do Vale do Rio dos Sinos. Instituto Humanitas Unisinos.

CDU 316

1

32

Bibliotecária responsável: Carla Maria Goulart de Moraes – CRB 10/1252

ISSN 1679-0316 (impresso)

Solicita-se permuta/Exchange desired.

As posições expressas nos textos assinados são de responsabilidade exclusiva dos autores.

Toda a correspondência deve ser dirigida à Comissão Editorial dos Cadernos IHU ideias:

Programa Publicações, Instituto Humanitas Unisinos – IHU
Universidade do Vale do Rio dos Sinos – Unisinos
Av. Unisinos, 950, 93022-750, São Leopoldo RS Brasil

O MAR DA UNIDADE: ROTEIRO LIVRE PARA A LEITURA DO MASNAVI DE RÛMÎ

Faustino Teixeira

Prof. Dr. do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Religião
Universidade Federal de Juiz de Fora - UFJF

Ao querido
Marco Lucchesi

Tenho me dedicado ao estudo da mística comparada das religiões há algumas décadas, incluindo um carinho muito especial com o pensamento de Rûmî. Sobre ele escrevi alguns artigos. Nunca, porém, aventurei-me em desbravar o mar enigmático de seu Masnavi (Mathnavî), que talvez seja um dos ápices de toda a mística universal, um dos “livros sagrados da humanidade”. Não sem razão vem sendo tratado como o Corão em língua persa, visto nos países do islã como um dos mais profundos comentários do Corão. O objetivo mesmo do livro, na linha da mais profunda perspectiva islâmica, é a busca da unidade e do amor. Para Rûmî, o caminho que leva ao Mistério Maior é o do amor e da hospitalidade. O sufismo, para ele, resume-se na celebração de uma alegria. Encontrar o sufismo, diz Rûmî, “é encontrar alegria no coração” (MP3, 188).

O Masnavi, em seus seis livros, e mais de 1.700 páginas, não é apenas um tratado iniciático, de linguagem esotérica, mas igualmente um livro de poesia, filosofia e comentário da teologia do islã, em perspectiva original e profunda. Há também no livro reflexões psicológicas e pedagógicas, além de um exemplar senso de humor e ironia inimitáveis¹! Para o

1 Eva de Vitray MEYEROVITCH. Introduction. In: Djalâl-od-dîn RÛMÎ. Mathnawî. La quête de l’Absolu. Paris: Éditions du Rocher, 1990, p. 24.

leitor desatento, o acesso vem obstaculizado em razão da peculiaridade da narrativa, do estilo enigmático que envolve, da dinâmica redacional. É difícil captar com segurança o pensamento de Rûmî, suas convicções pessoais, em razão das idas e vindas, e mesmo de passos que podem delinear marcos contraditórios no conteúdo apresentado. Em passos concretos, uma ideia vem lançada, e só bem mais adiante vem desenvolvida, dificultando a compreensão límpida. Ocorre ainda, nos diversos livros da obra, a presença de “significações múltiplas e escondidas”, típicas da linguagem esotérica. É como se o guia espiritual (Pîr) reservasse o acesso ao significado aos portadores de um coração preparado e receptivo. Temos então, na obra, ao lado de um nível explicativo, um nível mais profundo, que é o simbólico. Como assinala Meyerovitch, nos diversos contos esotéricos apresentados, as “significações encobertas ultrapassam os limites de um simbolismo decifrável”, pois o que se apresenta é um caminho místico².

As peculiaridades envolvem também as traduções do Masnavi. Há a clássica tradução inglesa de Nicholson, em dois volumes, lançada entre os anos 1924 e 1934, que tem algumas nuances distintas da procedida por Meyerovitch, sem, porém, romper com a proximidade. Mais tarde veio a tradução italiana, publicada em 2006, de autoria de Gabriel Mandel Khân, numa formosa edição³. Os tradutores são unânimes em acentuar a dificuldade de traduzir os dísticos de Rûmî, em razão do simbolismo multidimensional e da expressão poética esotérica presentes. Há também a edição resumida brasileira, baseada na tradução inglesa de E.H. Whinfield, com tradução de Mônica Udler e Ana Maria Sarda⁴. É a edição que servirá de base para o texto, bem como a versão francesa de Meyerovitch.

Na visão da tradutora francesa, Eva de Vitray Meyerovitch, os temas centrais do Masnavi giram em torno da unidade da existência, do amor e da tolerância. A seu ver, Rûmî expressa a mais nobre abertura inter-religiosa. O que importa para ele é o amor dedicado a Deus e aos outros. As diversas confissões religiosas são envolvidas pelo abraço do amor, e os “verdadeiros adoradores estão todos no mesmo caminho”⁵.

Nesse capítulo, não tenho a pretensão de seguir uma regularidade, sistematicidade e fidelidade a toda prova. O que busquei fazer é apenas indicar os temas que vão aparecendo nos diversos livros, em ordem cro-

2 Eva de Vitray MEYEROVITCH. Introduction, p. 22-23.

3 Jalal âDîn RÛMÎ. Mathnavî. Il poema del misticismo universale. Milano: Tascabili Bompiani, 2006.

4 Jalaluddin RUMI. Masnavi. São Paulo: Edições Dervish (Attar), 1992.

5 Eva de Vitray MEYEROVITCH. Introduction, p. 19.

nológica, mesmo que isto incida em repetições. A intenção é mesmo ajudar os leitores a adentrarem-se no complexo universo da mística de Rûmî.

O trabalho veio facilitado pelo ousado curso que dei no doutorado em Ciência da Religião, no ano de 2003, para dois alunos do doutorado. Foi um trabalho árduo, semanal, onde, com o recurso das traduções integrais francesa e inglesa, fomos desvendando, num rico debate, os meandros mais enigmáticos e sedutores dos dísticos que delineiam os seis livros do Masnavi. Farei igualmente recurso ao “copião” que orientou as reflexões semanais, e que nunca foi publicado.

Livro I

O primeiro livro abre-se com o belo prólogo do lamento da flauta, e partilho alguns trechos:

“Escuta a flauta de bambu, como se queixa,
Lamentando seu desterro:
‘Desde que me separaram de minha raiz,
Minhas notas queixosas arrancam lágrimas de homens e mulheres.

Meu peito se rompe, lutando para libertar meus suspiros,
E expressar os acessos de saudade de meu lugar.
Aquele que mora longe de sua casa
Está sempre ansiando pelo dia em que há de voltar.
Ouve-se meu lamento por toda a gente,
Em harmonia com os que se alegram e os que choram.
Cada um interpreta minhas notas de acordo com seus sentimentos.

Mas ninguém penetra os segredos do meu coração.
Meus segredos não destoam de minhas notas queixosas,
E no entanto não se manifestam ao ouvido sensual (...).
O lamento da flauta é fogo, e não puro ar.
Que aquele que carece desse fogo seja tido como morto!
É o fogo do amor que inspira a flauta,
É o amor que fermenta o vinho.
A flauta é confidente dos amantes infelizes;
Sim, sua melodia desnuda meus segredos mais íntimos” (...)⁶.

6 Jalaluddin RUMI. Masnavi, p. 17-18. Djalâl-od-dîn RÛMÎ. Mathnawî. La quête de l'Absolu, p. 53-54 – Dísticos 1 a 30. No texto, as citações serão sempre sigladas, para favorecer o fluxo da redação. A edição brasileira será siglada MP, que significa Masnavi Português, seguida do número do livro e da página. Como são seis livros, a sigla virá acrescentada do número do livro (de 1 a 6). A edição francesa, cujos dísticos vêm numerados, será siglada MF, que significa Masnavi Francês, seguida do número do livro e do dístico. Ela também virá acrescentada do livro envolvido (de 1 a 6).

O lamento da flauta desdobra-se numa magnífica ode ao amor. O amor vem visto como uma “doce loucura”, aquela que cura as enfermidades:

“O amor eleva aos céus nossos corpos terrenos,
E faz até os montes dançarem de alegria!
Ó amante, foi o amor que deu vida ao Monte Sinai,
Quando ‘o monte estremeceu e Moisés perdeu os sentidos’.
Se meu amado apenas me tocasse com seus lábios
Também eu, como a flauta, romperia em melodias.
Mas aquele que se aparta dos que falam sua língua
Ainda que tenha cem vozes, é forçosamente mudo.
Depois que a rosa perde a cor e o jardim fenece,
Não se ouve mais a canção do rouxinol.

O Amado é tudo em tudo, o amante, apenas seu véu;
Só o Amado é que vive, o amante é coisa morta.
Quando o amante não sente as esporas do Amor,
Ele é como um pássaro que perdeu as asas (...).
O Amor quer ver seu segredo revelado,
Pois se o espelho não reflete, de que servirá?
Sabes por que teu espelho não reflete?
Porque a ferrugem não foi retirada de sua face.
Fosse ele purificado de toda ferrugem e mácula,
Refletiria o brilho do Sol de Deus” (MP1, 18-19; MF 1, 10-30’).

São inúmeras histórias narradas no Masnavi, e no entremeio, a reflexão mística e metafísica de Rûmî vai se insinuando de forma rica, prazerosa e original, bem no ritmo da poética persa, que é saborosa. Na primeira história, do príncipe e da criada (I), o tema em pauta é o amor. Como diz Mevlana⁸, o amor não se enquadra nas descrições tradicionais: “Por mais que se descreva ou se explique o amor, quando nos apaixonamos envergonhamo-nos de nossas palavras” (MP, 20; MF, 112). O amor sem palavras, diz Rûmî, é habitado por maior claridade (MF, 113). Diz ainda: “Quando a pena se apressou a escrever, ao chegar no tema do Amor, partiu-se em duas” (MP, 20 e MF, 114). Rûmî recorre ao exemplo do Sol, para indicar que ninguém senão Ele pode revelar seus segredos: “Só o Sol revela a luz da vida” (MP, 21); e só o Amor “pode explicar o amor e os amantes” (MP, 21).

Sem precisar entrar em detalhes, a história fala da doença de uma moça pela qual o príncipe foi tomado de amores. Ninguém conseguia

7 A referência aqui são os dísticos e não as páginas. E assim será todo o tempo.

8 Mevlana, ou “Nosso Mestre”, foi o modo como seus sucessores o nomeavam.

identificar a razão de seu sofrimento, até que um santo convocado pelo rei identificou o mal, e o conseguiu através de um processo psicológico bem semelhante à psicanálise. Ele tomou a mão da moça e pediu para ela narrar sua história. Quando ela falou sobre a cidade de Samarkanda, o seu pulso revelou que ali estava a origem do mal, numa difícil história de amor. O diagnóstico veio logo, com o aumento da frequência da pulsação e do empalidecimento do rosto (MF1, 158 e 167-168). E a história continua...⁹.

Na história do azeiteiro e do papagaio (II)¹⁰, Rûmî aborda a complexa questão da tensão entre os sentidos mundanos e os sentidos espirituais, ou o sentido psíquico e o sentido espiritual. Isto está relacionado a um tema recorrente em Rûmî, que é a tensão entre o mundo das formas e o mundo da realidade. Rûmî assinala que “na gota de sangue do coração inscreve-se uma joia que Deus se reservou de dar aos mares e aos céus” (MF1, 1017). Existe um “leite” que é precioso, pois provém da consciência sublime. Não há por que ficar restrito ao mundo das formas, da superficialidade, há que se arriscar ousadamente no oceano do Real, no “sol da alma” (MF1, 1025). Na visão de Rûmî, “os sentidos mundanos são a escada da terra, os sentidos espirituais são a escada do céu” (MP1, 24). A verdadeira saúde só pode ser desvelada “junto ao Amigo”, e isto significa “afogar-se e ser absorvido n’Ele” (MP1, 24).

Ao tratar a história do leão e os animais (V), Rûmî destaca a tensão que existe entre os esforços humanos e a confiança em Deus. Os que se firmam nas ciências dos sentidos (exotéricos) não hospedam o leite do conhecimento sublime. São aqueles que estão presos ao mundo das formas e não captam a joia mais rara (MF1, 1018 e 1021). Aos que se prendem às formas, ao que adoram as formas, o segredo da “gota de pérola” fica escamoteado. O que a eles escapa é o que é o essencial da vida. As formas superficiais, nos diz Rûmî, são como a espuma que esconde o Mar. O “doador do segredo” encontra-se para além, no Mistério mais fundo do Mar (MP1, 39). Para atingir o Oceano é necessário um “mergulhador”, e mergulhadores não precisam de sapatos. Os que se prendem às formas estão com os lábios secos, incapazes de acessar “o vermelho, o verde e o escarlate” (MP1, 40)¹¹. Diz Mevlana num dístico: “Quando tua

9 O objetivo aqui é apenas acenar para alguns aspectos que estão contidos em algumas histórias e não todas, o que seria impossível. E mesmo assim, sem discorrer muito, pois as histórias são imensas. O que propomos aqui é simplesmente um aperitivo, um convite para a leitura da obra completa.

10 As histórias – o seu número – serão sempre mencionadas entre parênteses, em Romanos.

11 Em outro dístico, Rûmî fala da importância do buscador deixar-se acompanhar por outros peregrinos, sejam eles hindus, turcos ou árabes. Adverte não ser necessário apegar-se ao aspecto ou cor, mas considerar o desejo e a intenção (MF, 2893).

vista é ofuscada por cores, essas cores velam de ti a luz” (MP1, 40 e MF1, 1122). Na história narrada por Rûmî, os animais são exaltados pela lebre para lutar contra a tirania do leão, que vem identificado com a alma carnal (*nafs*)¹² (MP1, 42). O combate mais essencial, diz Mevlana, é o que se trava interiormente, a verdadeira *jihad*, que é a guerra contra o inimigo interior, os desejos da superficialidade (MP1, 42; MF1, 1374).

Na história de Omar e o embaixador (VI), o místico afegão volta a abordar esse trabalho interior de purificação do coração. Para alguns estudiosos, nessa história está também refletido o encontro precioso de Rûmî com Shams de Tabriz. O grande palácio almejado, o santo Pórtico, só vem contemplado pelo buscador quando seu coração vem desobstruído (MF1, 1394-1396). É Omar quem instrui o embaixador na preciosa doutrina da união mística com Deus (MP1, 42). Na visão de Rûmî a liberdade deve ser banhada pela ação de Deus: “A ação de Deus é a causa de nossa ação” (MP1, 45). Em outros momentos, o nosso místico recorre ao livro do Corão para sinalizar essa precedência do Mistério: “Não foste tu que atiraste as flechas quando atiraste: foi Deus quem atirou”¹³. Cabe ao coração o dom receptivo da acolhida desse “reservatório dos mistérios” (MP1, 45).

Em outra história, do mercador e seu papagaio inteligente (VII), Mevlana aponta o significado da verdadeira prece. Fala-se ali num papagaio preso na gaiola do mercador, que em certo momento engana o seu dono e foge voando. O tema vem aproveitado por Rûmî para falar do limite do engaiolamento da religião: “Aquele a quem o santuário da verdadeira prece é revelado, considera vergonhoso voltar à mera religião formal” (MP1, 47 e MF1, 1765). Para nós que estudamos a mística, esse é um dado muito presente nos autênticos buscadores espirituais: o que eles almejam, ardentemente, é o Mar mais amplo do Mistério, para além dos “penduricalhos” rituais. Com isso, muitos conflitos começam a emergir, sempre prejudicando os buscadores. O precioso Mistério é livre de todos os nós e amarras. Os rituais podem servir de suportes teofânicos, para utilizar uma expressão de Ibn Arabi, mas eles não são um fim em si mesmo. São o dedo que aponta para a Lua, e não a Lua. O “Tu” do Amado é livre

12 Não é tarefa simples definir *nafs* (self). “O Corão descreve três estágios diferentes de *nafs* no homem. O estágio mais baixo e corrupto é o de *an-nafs al-ammârah* (o *nafs* mau) (XII,53) em cujo estágio o homem está completamente sob o controle das forças malignas dentro e fora de si”: Syed Ali Ashraf. O significado interior dos ritos islâmicos: prece, peregrinação, jejum e *jihâd*. In: Roberto S. BARTHOLO Jr. & Arminda Eugénia CAMPOS (Orgs). Islã – o credo é a conduta. Rio de Janeiro: ISER/Imago, 1990, p. 101.

13 Le Coran. Paris: Albin Michel, 1995, sura VIII,17 (Essai de traduction par Jacques Berque); MF, 3789.

de “nós” e de “eu” (MP1, 49). Não há como ser absorvido no Amado a não ser quando nos libertamos do “eu”, do “nós” e do “vós” (MP1, 49).

Na história do árabe e sua mulher (IX), emerge a disputa entre a razão e o desejo (avidez). No relato, a mulher, que vivia com seu marido no deserto em grande pobreza, acaba perdendo a paciência e, tomada de desgosto, xinga o marido, exigindo uma mudança na situação. Ele reage e se defende, amparado nas palavras do profeta: “A pobreza é a minha glória” (MP1, 54). Rûmî vislumbra nessa discórdia uma parábola, que simboliza a tensão entre a *nafs* e a razão. Esta última ultrapassa os apegos ambiciosos e volta-se para o pensamento mais nobre, que é o de Allah. Ele indaga: “Sabes como o discernimento chega à percepção? Quando ela ‘vê pela luz de Allah’” (MP1, 58). Quando ele, o amor de Deus, “acende uma chama no homem interior, ele arde e se torna livre dos efeitos” (MP1, 51). O Mistério Maior não está contido em coisa alguma, nem na terra, nem no céu, “nem mesmo no mais alto céu¹⁴. Tenhas certeza disso, ó amado! No entanto, estou contido no coração daquele que crê! Se me buscas, procura nesses corações” (MP1, 60). Rûmî busca relativizar o campo dessa “concha terrena”¹⁵ e suas ambições, sempre embaraçada pela “espuma de espuma”, acentuando o papel da iluminação, do Real que nos envolve: “Nossas almas foram iluminadas por teu espírito, muito, muito antes que a Terra o desviasse para ela”. Há um tesouro enterrado na terra, e cabe ao buscador dispor-se a ver (MP1, 60)¹⁶. O mestre Mevlana nos adverte com essa história que a maior riqueza é “a visão do Um”. Quem vem tocado por essa sinfonia, torna-se alguém adornado, como a rosa ou lírio, e “a primavera traz alegria”. Num poema clássico de seu *Divan de Shams de Tabriz*, Rûmî dizia que “para mudar a paisagem, basta mudar o que sentes”¹⁷. O sufismo traz essa marca da alegria, como nos lembra Rûmî numa passagem do Terceiro Livro do Masnavi (MF3, 3261).

Em outra história, Rûmî fala do leão que caçou com o lobo e a raposa (XI). Há um momento no relato, que o leão se enfurece com o lobo por falar em “eu” e “tu” e “minha lebre”. Para o rei da floresta, tudo pertencia a ele. Com essa história Rûmî abre espaço para falar de um dos temas

14 Trata-se aqui do empíreo (MF, 2654).

15 Para expressar o limite do humano, Rûmî recorre a outras expressões: “casa de terra” ou “casa de argila”. O outro mística Persa, Attar, fala em “casa de cinzas”.

16 Na história X, que fala do homem que foi tatuado, Rûmî sinaliza a importância do guia (Pîr) para a ajudar o buscador em seu caminho, e vencer os riscos que estarão adiante (MF1, 2942). Na visão de Rûmî, a mão do Pîr é como a mão de Deus (MF1, 2971). Nada, então, mais importante ao buscador do que buscar refúgio na “sombra do Sábio” (MF1, 2966).

17 Trata-se do poema, O mundo além das palavras: Jalal ud-Din Rumi. Poemas místicos. *Divan de Shams de Tabriz*. São Paulo: Attar, 1996, p. 54.

mais presentes na sua mística, que é a aniquilação do eu¹⁸, de forma a favorecer o brilho radical do Mistério. Ao longo da história há o clássico relato:

Certa vez, um homem veio bater à porta de seu amigo.

Seu amigo disse: “Quem és tu, ó homem fiel?”

Ele disse: “Sou eu”.

O outro respondeu: “Não podes entrar,

Não há lugar para o ‘cru’ em meu cozido banquete¹⁹.

Nada senão o fogo da separação e da ausência

Pode cozinhar o cru e livrá-lo da hipocrisia!

Já que teu ‘eu’ ainda não te deixou

Deves ser queimado em chama ardente”.

O pobre homem se foi, e por um ano inteiro

Viajou ardendo de dor pela ausência do amigo.

Seu coração ardeu até que cozinhou;

Então ele voltou e aproximou-se da casa de seu amigo.

Bateu à porta com temor e agitação²⁰,

De modo que alguma palavra descuidada lhe saísse dos lábios.

Seu amigo gritou: “Quem está à minha porta?”

Ele respondeu: “És tu que estás à porta, ó Amado!”²¹

O amigo disse: “Já que sou eu, que eu entre;

Não há lugar para dois ‘eus’ em uma só casa” (MP1, 67-68).

Na história de José e o espelho (XII), Rûmî narra a história de um amigo que presenteia José com um espelho, motivando-o a apreciar nele sua beleza. O amigo sublinhou que é da beleza que o espelho se ocupa. Reiterou, porém, que o verdadeiro espelho do ser é o não-ser, e que é ali, nesse vazio, que o ser pode autenticamente exibir-se. Rûmî serve-se dessa história para indicar que só aqueles que reconhecem seus próprios defeitos, conseguem trilhar “mais depressa o caminho que leva à perfeição”. Não pode avançar em direção ao Todo-Poderoso “aquele que se imagina perfeito” (MP1, 69).

O equívoco de um apego excessivo à consciência é o tema de outra história do Masnavi, o escriba e o profeta (XIII). Há uma resistência de Rûmî ao saber filosófico que recusa a Divina Providência. Trata-se, para

18 Um tema também presente na mística cristã, como em Marguerite Porete, que sublinha que todos os rios perdem o nome quando chegam no Mar: Id. O espelho das almas simples e aniquiladas... Petrópolis: Vozes, 2008, p. 145.

19 Na versão francesa: “não há lugar para aquele que não passou pelo fogo da experiência” (MF1, 3057).

20 Na tradução francesa fala-se em “temor e respeito”: MF1, 3061.

21 Na tradução francesa: “Ó sedutor dos corações” (MF1, 3062).

ele, de uma “vã negação”. Há uma fragilidade essencial em todo conhecimento desprovido desse dom de Deus: “Sem tua proteção não há senão perplexidade” (MP1, 80). O conhecimento que não provém de Deus, diz Rûmî, é algo fadado a não durar, como as frágeis maquiagens. É um conhecimento que não “participa das percepções dos santos” (MP1, 71) e que está ancorado unicamente nos sentidos, diversamente da “ciência dos místicos”, que os elevam às alturas (MF1, 3446).

Com base na história dos artistas chineses e bizantinos (XIV), Rûmî se dá conta que o melhor pintor não é aquele que faz os desenhos mais nobres, mas aqueles que são dotados da arte de polir²². Na disputa entre os dois grupos, venceram os bizantinos, que como os sufis, são capazes de fazer um tal polimento que as cores que se refletem nas paredes proporcionam “uma infindável variedade de tons e matizes”. Para Rûmî, os bizantinos vencem a contenda por serem mestres em “tirar a ferrugem”. É o que fazem os sufis, no seu trabalho interior de polimento do peito, rasgando as malhas do desejo, da ambição, da ganância e do ódio (MF1, 3483-3484), visando atingir a “essência brilhante”. Como opção, Rûmî dá preferência ao conhecimento do coração, ao saber cordial, que está acima dos meros nomes e letras. E elevar acima disto é “libertar-se do eu de um golpe só” (MP1, 73). O coração é órgão proteico e místico, que está sempre em movimento, disponibilizando-se a captar inumeráveis imagens (MF1, 3485).

Livro II

Na abertura do Livro II, Rûmî firma a definição do Masnavi como um “purificador dos espíritos” (MF2, 6). Como é sobretudo um livro para iniciados, Mevlana indica a importância da manutenção do silêncio para manter acesa a atenção aos desígnios do Mistério: “Feche a boca a fim de ver claramente” (MF2, 11). Para tanto, os sentidos espirituais, que são nutridos pelo Sol, devem estar acionados. Para além do mundo de “água e argila”, o buscador é convocado a sintonizar-se com a mirada do coração, que favorece a pureza e clareza (MF2, 72). O coração possibilita “a abertura das portas (da Realidade) para o místico” (MF2, 165). O Mistério Maior, que se manifesta de distintas formas, embaraça a visão tanto de transcendentalistas como imanentistas (MF2, 57).

22 O tema do polimento do coração é recorrente em Rûmî, e às vezes ele repete a expressão para dar mais ênfase à sua importância: “Polir, polir, polir”, como no MF4, 2469.

O nome da primeira história desse livro II do Masnavi é o asno do sufi (I). Como ocorre com as outras histórias, uma série de questões são apresentadas, entre as quais a que trata do valor das expressões de sentimento religioso. Para Rûmî, esse sentimento deriva do “estado da mente de que procedem”. Dá um exemplo interessante, sinalizando que “as palavras ‘Eu sou a Verdade’ ganham um significado distinto quando são ditas por Al Hallaj e pelo Faraó. No primeiro caso, elas refletem luz; no segundo, elas refletem blasfêmia. As palavras santas, diz Rûmî, “não permanecem nos corações cegos, mas retornam à luz de onde provieram” (MF2, 316). Cada expressão traduz um estado da mente. Se o tolo pronuncia palavras piedosas, elas não o afetam, mesmo que venham escritas. Diz Rûmî: “A sabedoria afasta sua face de ti (...), aparta-se de ti e foge!” (MP2, 90; MF2, 320).

Na segunda história, sobre o mendigo e os prisioneiros (II), Rûmî volta a falar do conflito entre as formas exteriores e a pureza interior. Como ele indica, o amor “não depende da forma exterior ou do rosto” (MP2, 94). Os raios de sol que batem no muro, retoma Rûmî, perdem o seu vigor com uma luz que se revela emprestada. O místico adverte o fiel para deixar de confiar seu coração a meras pedras, mas buscar “a fonte de luz que brilha sempre” (MP2, 95). Essa busca requer paciência e constância.

Outra história interessante, no início do segundo livro, é a do homem sedento que atirou tijolos na água (V). Não podendo beber a água do poço em razão do obstáculo de um muro, o sedento passou a atirar tijolos do alto do muro em direção à água. A água reagiu, gritando: “Que vantagem levas fazendo isso?”. Ele respondeu: “A primeira vantagem é que escuto tua voz; e a segunda, que quanto mais tijolos eu tiro do muro, mais perto chego de ti” (MP2, 102). Como recado deixado pelo místico afegão, a ideia de que enquanto existir o obstáculo do muro do corpo, mais difícil de “alcançar a água da vida” (MP, 102). O caminho que se abre ao buscador não se vincula aos meros sentidos, pois sua luz é opaca e densa e não favorece o horizonte mais alto. Para Rûmî, em todas as ações deve prevalecer a primazia de Deus: “Não fostes tu que atiraste quando atiraste” (MP2, 103).

A história de Moisés e o pastor (VII) é de uma beleza única para entender o pensamento de abertura inter-religiosa de Mevlana. Trata-se da narrativa de um pastor que rezava de forma livre, comovente, a Deus e foi advertido severamente por Moisés, representante da legalidade religiosa. Atormentado e envergonhado pela advertência, o pastor rasga suas roupas e foge para o deserto. É quando então Moisés recebe uma dura advertência de Deus, que o chama de tolo por ter, na prática, incentivado

a separação de um fiel simples e verdadeiro. E Deus brada a Moisés que a cada pessoa destinou formas de expressão peculiares e explicita o seu dom misericordioso: “Não considero o exterior e as palavras. Considero o interior e o estado do coração”. Mais que tudo, o que deseja é um “coração ardente”²³, marcado pela “chama do amor” (MP2, 108-109; MF2, 1760)²⁴. Deus expressa que sua religião é a do amor, e que não é necessário as pessoas voltarem-se para a Caaba, quando ela já faz parte de seu mundo interior. E numa linda expressão sinalizou que “mergulhadores não precisam de sapatos” (MP2, 109; MF2, 1762 e 1768). Em seguida, Deus derrama no mais profundo coração de Moisés os mistérios que não se pode falar (MF2, 1772). Foi quando então Moisés, arrependido, vai em busca do pastor no deserto e encontrando-o expressa sua concordância com ele: “Não busques nenhuma regra nem método de adoração; diga simplesmente o que teu afligido coração deseja”. E concluiu: “Tua blasfêmia é a verdadeira religião, e a religião é a luz do espírito” (MF2, 1784 e 1785). Ao final, Rûmî sublinha que esta hospitalidade divina decorre de sua profunda Misericórdia (MF2, 1797).

Na história que trata do homem que fez de um urso seu bicho de estimação, depois de salvá-lo do ataque de uma serpente (VIII), Rûmî trata de um dos temas mais bonitos de sua mística, que é a profunda Misericórdia de Deus. Ele diz: “Não busques a água; mostra apenas que estás sedento, e a água jorrará a teu redor” (MP2, 112; MF2, 1940)²⁵. Ao sedento, basta que se incline para então receber o dom do “vinho da Misericórdia, tornando-se ébrio”. Não há fonte mais potente do que a Misericórdia de Deus (MF2, 1952). Os homens santos, diz Rûmî, são aqueles que ouvem o gemido dos oprimidos e correm apressados em sua direção, seguindo o lume da Misericórdia de Deus (MF2, 1934).

Outra bela história é a que aborda o caminho de Bayazid e o santo (X). Era um famoso sufi, de Khorassan, que viveu no terceiro século de nossa Era Comum. Em conversa com um sábio, relatou a singularidade de sua experiência e o caminho de sua devoção. Era alguém livre das regras instituídas, sentindo-se habitado pela Presença divina: “Dá sete voltas ao meu redor, considera isso melhor que a circum-ambulação da

23 Na viva expressão francesa: “C’est la brûlure que je désire, la brûlure” (MF2, 1762).

24 Numa das passagens de seu clássico livro, o místico cristão, Raimundo Lúlio (séc XIII-XIV), assinala: “Por isto necessário é que seja verdade tudo o que será, e foi, e é, se meu Amado lá se encontra; e falso é o que é verdadeiro se meu Amado lá está ausente; sem que haja nisso contradição”: Raimundo LÚLIO. O livro do amigo e do amado. São Paulo: Loyola, 1989, p. 118 (n. 311).

25 Como também em passagem no Terceiro Livro: “Não busque a água, mas torna-se sedento, a fim de que água possa jorrar de alto a baixo”: MF3, 3213. E ainda outra, no mesmo livro: “Quando à terra falta calor, o céu manda calor; quando lhe falta umidade e orvalho, o céus os envia” (MP3, 199).

Caaba” (MP2, 115; MF2, 2241). Bayazid reconhece a Caaba como casa de culto a Deus, mas reconhece igualmente a centralidade da Casa da consciência mais íntima, espaço privilegiado para “contemplar a luz de Deus no homem” (MF2, 2249; MP2, 116).

Rûmî exalta a dádiva da doença, da fadiga e da insônia. São momentos privilegiados da visita de Deus, com seu toque de Misericórdia. Ele diz: “Deus com sua generosidade e favor, mandou-me essa dor e essa doença na minha velhice; Ele me deu essa dor nas costas, para que eu não deixe de despertar de meu sono à meia-noite; para que eu não durma a noite inteira como o gado, Deus em Sua misericórdia enviou-me essas dores” (MP2, 116-117; MF2, 2257-2258)²⁶. Para Mevlana, o sofrimento é uma dádiva que vem subtraída das misericórdias. A amêndoa só se torna macia quando vem retirada da casca (MP2, 117; MF2, 2261). As primaveras, na verdade, escondem-se no outono: “Os outonos estão carregados de primavera; não fuja deles” (MP2, 117; MF2, 2264). Não há como fugir da dor, nos diz Rûmî, seria como dizer: “Eu sou Deus” (MF2, 2521).

Ainda nos comentários da história X, Rûmî menciona a belíssima Sura A manhã²⁷ (Wa'l Duhâ), que fala da Presença de Deus que não abandona jamais o fiel, seja no esplendor do meio-dia ou no cair da noite. A Misericórdia de Deus é um dom maravilhoso, e não vacila um momento sequer, estando sempre à disposição do buscador (MF2, 2533). A Misericórdia de Deus envolve crentes e também os outros. Essa é uma reflexão enigmática de Rûmî, que indica igualmente a complexidade como ele trabalha o tema do mal. Tanto a infidelidade como a fidelidade, diz Rûmî, “dão testemunho d'Ele” (MP2, 119; MF2, 2542)²⁸. Todas as duas prosternam-se “diante de Sua Majestade” (MF2, 2543). Ele dá o exemplo do bom artista, que com sua arte é capaz de pintar com destreza coisas bonitas e feias: “Se ele não pudesse pintar coisas feias, careceria de habilidade” (MP2, 119). No livro VI, Rûmî aborda uma interrogação feita por um sufi

26 Num poema marcante do Divan de Shams de Tabriz, Rûmî louva a insônia. Sublinha o poder do sono na noite imprevisível, mas pede ao Amor que leve o sono para longe, apesar dele insistir em voltar. O sono procura combater, mas o “exército” do Misericordioso é mais potente e leva embora o sono frágil. E diz: “Se estás profundamente enamorado, segue sem vacilar esta vigília”: Marco LUCCHESI. A sombra do Amado. Poemas de Rûmî. Rio de Janeiro: Físis, 2000, p. 71.

27 No Fihî-Ma-Fihî, Rûmî assinala que “os habitantes do Inferno são mais felizes lá que aqui, pois, no Inferno, adquirem a consciência de Deus; e não há conhecimento algum que seja melhor que o de Deus”: Id. Fihî-Ma-Fihî. O livro do interior. São Paulo: Attar, 1993, p. 302.

28 O cádi era um juiz.

ao cádi²⁹. Ele tinha dificuldades de entender como os males e infortúnios poderiam ser atribuídos a Deus. E a resposta veio certa: “Aquilo que nos parece bem ou mal não tem existência absoluta, mas é simplesmente como a espuma na superfície do vasto oceano”. E esses infortúnios ocorridos com os fiéis, continua, serão “amplamente compensados na vida divina” (MP6, 349). A poesia de Rûmî está sempre louvando a Misericórdia de Deus, que não nos abandona momento algum: “Fizei nosso caminho agradável como um jardim, e sede Vós, ó Santíssimo, nossa meta” (MP2, 119).

E novamente o tema recorrente do Amor de Deus. A simples ideia ou menção do Amado já preenche o coração de alegria. A razão de ser da existência é testemunhar esse Amor: “Onde quer que ele acenda Sua tocha destruidora, miríades de almas amantes queimam-se nela. Os amantes que vivem dentro do santuário são mariposas, queimadas na tocha da face do Amado” (MP2, 121; MF2, 2575)³⁰. A imagem do Amigo, como um selo, está gravada no segredo dos corações (MF2, 2573).

Na história de Moávia e Iblis (XI), Rûmî narra um episódio na vida de Moávia, que era o primeiro dos Califas Omíadas, e certo dia que foi despertado por um estranho que era Iblis, o demônio. Iblis convocava-o para a oração. Diante da desconfiança de Moávia, Iblis faz uma declaração de amor a Deus:

“Lembra-te que fui criado como anjo de luz, e que não posso abandonar totalmente minha ocupação original (...). Eu ainda conservo meu amor por Deus, que me alimentou em minha juventude (...). Joguei uma partida de xadrez com Deus, por vontade d’Ele, e, embora tenha levado um xeque-mate e me arruinado totalmente, em minha ruína ainda experimento as bênçãos de Deus” (MP2, 122).

Em verdade, ao ter sido acordado por Iblis para não perder a oração matinal, Moávia ficou agradecido, pois sentiria grande remorso não poder estar acordado para fazer a prece ao Bem-Amado. Se não tivesse acordado, Moávia teria dado muitos suspiros de dor, “e cada um desses suspiros, aos olhos de Deus, teria sido equivalente a mais de duzentas preces comuns” (MP2, 123). Os suspiros podem também exalar o sangue do coração. Diz Rûmî, fazendo uma citação: “Dá-me esse suspiro e recebe em troca minhas orações” (MP2, 123; MF2, 2777).

29 Aqui a bela imagem tomada do místico sufi Al Hallâj, que fala da falena que vem queimada na chama. E ele clama: “(Ce papillon) Comme moi!”, Stéphane RUSPOLI. Le livre “Tâwâsîn” de Hallaj. Beyrou: Albouraq, 2007, p. 123.

30 Quando o livro do Corão foi revelado.

Em linha de sintonia com sua visão de abertura inter-religiosa, Rûmî reconhece o valor de verdade presente em outras doutrinas. Cada uma delas tem sua peculiaridade na descrição do tema oculto. Não estão, necessariamente “perdidas no erro”. Se para o muçulmano a “noite do poder”³¹ tem um valor de singular profundidade, as outras noites guardam também o seu valor de verdade. Como diz Rûmî: “Todas as noites não são a Noite do Destino (...); e todas as noites não são, porém, vazias do que ocorre nesta Noite” (MF2, 2936).

Em outra história (XV), Rûmî retoma a questão da Misericórdia de Deus. Fala do peso negativo da ferrugem que se acumula no coração, impedindo a visão. E esta ferrugem, nas camadas que vai produzindo, “torna imundo” o aspecto vigente “nas partes internas”. Há que manter sempre aceso o processo de polimento (MP2, 131; MF2, 3370), evitando que o caldeirão fique negro e bloqueado para qualquer limpeza adequada. Rûmî reconhece o valor das práticas devocionais: a obediência, o jejum, a oração, as esmolas e as devoções. São práticas cobertas de valor. Elas, porém, precisam ser realizadas com alegria: “A alegria é necessária para que as devoções deem fruto, as polpas são necessárias para que as sementes tornem-se árvores” (MP2, 132).

Numa das mais bonitas histórias do Masnavi, sobre a árvore da vida (XVII), Rûmî narra a história de um sábio que contou que lá no Hindustão havia uma árvore da vida, e aquele que comesse de seus frutos viveria para sempre. Ouvindo a história, o rei mandou então um de seus cortesãos para saber dessa árvore. O homem então parte para aquele país, perguntando sobre a árvore por onde passava. Não foi correspondido em seu desejo: muitos zombaram dele ou trataram-no como um ignorante. Voltou desgostoso ao seu país, e lá buscou, como último recurso, a opinião de um sábio, que foi o primeiro a falar da árvore da vida. E o sábio lhe respondeu:

“Ó amigo, esta é a árvore do conhecimento, ó conhecedor! Muito alta, muito bela, muito extensa, a própria água da vida do oceano circunfluyente. Tu correste atrás da forma, ó mal informado! E por isso careces do fruto da árvore da substância (...) Embora ela seja uma, ela tem mil manifestações. Os nomes que lhe convém são incontáveis (...). Ela tem milhares de nomes, mas é Uma, – corresponde a todas as suas descrições, mas é indescritível (...). Passa por cima dos nomes e olha para as qualidades, para que essas te possam levar à essência! O desacordo entre os homens é provocado pelos

31 Houve uma pequena mudança na citação utilizada, ao final, quando preferi introduzir o dístico da versão francesa (MF2, 3680), que é de uma beleza ímpar.

nomes; a paz advém quando penetram na realidade” (MP2 137-138; MF2, 3659-3680)³².

Na história seguinte, dos patinhos que foram criados por uma galinha (XVIII), Rûmî fala da ave doméstica que ocupou o lugar da mãe, “a pata daquele oceano”. A Ama foi terrena e sua asa firmou-se em terra firme. Permaneceu, porém, a nostalgia do mar, como aquele que anima todos os que estão no desterro, que é tema também importante em Rûmî. Na moral da história, está a convocação da superação da terra firme, para o mergulho no “oceano do ser Real”. Isto vale para todos nós... Mesmo que as amas busquem nos fixar na terra, afugentando-nos da água, é ela que fornece o nosso horizonte de chegada. Não temas, diz Rûmî, “precipita-te no oceano!” (MP2, 138-139).

Livro III

O início do terceiro livro inicia-se com a história dos viajantes que comeram o filhote do elefante (I). Rûmî serve-se do tema para falar da tensão entre as ações negativas e as crenças. As más ações, diz Rûmî, conformam um “mau cheiro junto às narinas de Deus” (MP3, 144). As preces que brotam de pessoas que marcam sua trajetória por más ações são, em verdade, “invalidades por esses fedores”. Pode também ocorrer o contrário, pessoas que não conseguem pronunciar as orações da forma tradicional, como o fiel Bilal³³. Aos olhos de Deus, porém, o hay de Bilal tinha o valor muito mais nobre que centenas de ha e o kha, do repertório tradicional (MF3, 176-177). Como mostra Rûmî, “invocar a Deus é puro, e quando a pureza se aproxima, a impureza se levanta e vai embora” (MP3, 146).

Outro tema desenvolvido ainda no cenário da primeira história é bem sugestivo da percepção mística de Rûmî. Trata-se da narrativa de uma pessoa que certa noite gritou o nome de Allah até que seus lábios se tornassem doces. Veio, porém, interrompido por Satã que levantou em seu coração uma suspeita: “Cala-te, ó homem austero! Por quanto tempo continuarás tagarelado, ó homem de muitas palavras”. Ele colocou em questão o cerne da crença do fiel, ao sugerir que nenhuma resposta viria da parte do trono de Deus. O fiel foi tomado por grande tristeza, e de co-

32 Bilal era um muezin que convocava os fiéis para a oração com um erro de pronúncia: hay la'l-falah.

33 Trata-se de um misterioso personagem presente nas lendas, literatura e especulação mística dos povos muçulmanos, como um mestre espiritual, venerado também como um profeta.

ração partido adormeceu. No sonho teve, porém, uma clara visão de Khadir³⁴, que indagou sobre as razões que motivaram o fiel a interromper sua oração. Em sua resposta, o fiel pontuou que o “eis-me aqui” (labbayka) de Deus não se seguiu à sua invocação. O mestre espiritual respondeu-lhe então: “Aquele teu chamado ‘Allah’ era o meu ‘eis-me aqui’”. E concluiu: “Teu medo e teu amor abrigam minha misericórdia, cada ‘Ó Senhor!’ teu contém muitos ‘eis-me aqui’” (MP3, 146-147; MF3, 189-197).

Uma história mais conhecida é a que trata do elefante no quarto escuro (V). A narrativa fala de alguns hindus que buscavam exibir um elefante num quarto escuro. Diante da obscuridade, os presentes “procuravam senti-lo com as mãos, para ter uma ideia de como era. Um apalpou sua tromba e declarou que o animal parecia um cano de água; outro apalpou sua orelha, e disse que devia ser um leque enorme; outro sua perna, e pensou que fosse uma coluna”. Conforme se apalpava uma parte ou outra, as descrições eram diferentes (MP3, 155-156; MF3, 1259-1267).

Rûmî serve-se dessa história para abordar os empecilhos que bararam ao olhar sensível, do sentido exterior, o acesso ao Mistério Maior. Rûmî sublinha: “O mar é uma coisa, a espuma, outra; esquece a espuma e contempla o mar com teus olhos”. A ondulação da espuma acaba impedindo a clareza do olhar, para discernir o poderoso mar (MP3, 156; MF3, 1270). Não há como captar o Mistério profundo com o habitual recurso das palavras. O silêncio se faz necessário: “Guarda silêncio para que possas ouvi-Lo falar Palavras impronunciáveis para a língua na fala. Guarda silêncio³⁵, para que possas ouvir desse Sol coisas que livros e discursos não podem expressar” (MP3, 157; MF3, 1270).

Rûmî tem um jeito particular de abordar sua mística, partindo sempre de histórias concretas, como a do amante que leu sonetos para a sua amada (VI). A narrativa fala de um amante que ao estar presente diante de sua amada, em vez de abraçá-la, toma um papel para escrever sonetos para ela. Rûmî quer indicar com isso o risco que está presente no buscador espiritual de embriagar-se com as efusões e êxtases, esquecendo-se do objeto central da própria devoção. Para ele, “o místico não deve deter-se em meras emoções religiosas subjetivas, mas buscar a

34 Muitos dos poemas de Rûmî concluem-se com a expressão “silêncio”. Apenas três exemplos: “Silêncio! O melhor é perguntar a Deus, somente Ele te pode responder”; “Todavia, aprende com a flor: silencia tua língua”; “Silêncio! Eis que chega o Rei para completar o poema”: Jalal ud-Din Rumi. Poemas místicos, p. 113 e 159.

35 Um exemplo é Fudayl, que morreu no início do século IX. Era alguém bem representativo do misticismo ortodoxo do primeiro período do sufismo. Era obcecado pela união com Deus, e tudo transformava-se num obstáculo. Diziam que ele sorriu uma única vez na vida, quando seu filho morreu. Isto foi para ele um sinal da graça divina: Annemarie SCHIMMEL. *Le soufisme ou les dimensions mystiques de l'islam*. Paris: Cerf, 1996, p. 56-57.

união absoluta com Deus” (MP3, 161). O sufi verdadeiro, adverte Rûmî, não pode ser amante de seus próprios êxtases, esquecendo do Amado. Complementa: “Não fiques contemplando teus próprios retratos, belos ou feios, contempla teu amor e o objeto de teu desejo” (MP3, 162).

O protagonismo de Deus é tema singular da mística de Rûmî, e aparece diversas vezes ao longo das histórias narradas, como na que trata do dervixe que quebrou seu voto (IX). Nada pode ser realizado sem a vontade de Deus. Tudo depende dela. Na história, o dervixe acaba rompendo o voto de não colher nenhuma fruta nas árvores, mas só aquelas caídas no chão. Na visão de Rûmî, o deslize ocorreu pela omissão de dizer “se Deus quiser”. A todos votos devem ser agregadas essas poderosas palavras: “Se Deus quiser”. Deus é o mistério sempre envolvente, que a cada momento transmite “uma nova influência no coração”, que a cada instante deixa “nova marca no coração” (MP3, 165). O coração, diz Rûmî, é como “uma pena no deserto”, como a “água fervente numa chaleira”, vibrante com o movimento. A cada momento ou instante “um novo propósito ocorre ao coração”. É o órgão por excelência da experiência mística.

Uma história mais delicada vem apresentada em seguida por Rûmî, ao tratar do velho (sheikh) que não lamentou a morte de seus filhos. Não é uma narrativa fácil de ser captada ou acolhida, pois requer uma capacidade única de despojamento e abnegação. O velho que aparece na história era conhecido por sua santidade. Ele não chorou diante da morte de seus filhos, pois na dinâmica de seu olhar eles ainda estavam ali, vivos, fortes e saudáveis. Era alguém dotado de uma tal capacidade mística que vislumbrava vida para além da morte, com os olhos do coração. Dizia: “Embora eles tenham partido por uma virada da fortuna, ainda estão comigo, brincando ao meu redor” (MP3, 168). Se outros podiam vê-los em sonhos, o velho sábio percebia-os claramente, mesmo acordado. Um dom ofertado a poucos. A narrativa expressa algo que está presente no percurso da mística islâmica entre alguns dos primeiros ascetas do sufismo³⁶.

36 E vem aqui a recordação de uma mística sufi da primeira etapa, Rabi'a al-Adawiya, que morreu no ano de 801 D.C. Numa de suas célebres histórias, levava em uma das mãos uma tocha de fogo e na outra um pote d'água. Perguntada pela razão disso, respondeu: “Eu quero jogar o fogo no paraíso e derramar a água no inferno”. E fazia isso para que a adoração do fiel não fosse motivada nem pelo anseio do paraíso ou pelo temor do inferno, mas, sim, motivada exclusivamente pela gratuidade do amor de Deus: Annemarie SCHIMMEL. *Le soufisme ou les dimensions mystiques de l'islam*, p. 60. Na mística cristã, temos a célebre passagem do catalão Raimundo Lúlio (séc. XIII-XIV): “O amigo encontrou o Amado e viu-O muito nobre e poderoso, digno de toda honra, e disse-Lhe que muito se admirava de que tão poucos O amassem, O conhecessem e O honrassem conforme merecia sua dignidade”. O Amado respondeu-lhe que de fato “ficou decepcionado com o homem que criara precisamente para que O amasse, conhecesse e honrasse. Lamentou-se de que entre mil homens apenas cem O temiam ou amavam. Que dos cem, noventa O temiam pelo castigo e dez O amavam esperando, assim, receber glória. E que ninguém O amava por Sua bondade e nobreza”: Raimundo LÚLIO. *O livro do amigo e do amado*. São Paulo: Loyola, 1989, p. 100 (n. 217).

História saborosa é a de Bahlol e o dervixe (XI), que aborda um santo cego, que, de forma inusitada, conseguiu ler o livro do Corão. É uma história que fala de um exemplo de resignação face à vontade de Deus. Narra-se que Bahlol foi visitar um dervixe considerado santo, que lhe perguntou como ia a vida. E a resposta foi a habitual: “Vou como um homem que dirige a vida como quer” (MP3, 169-170). Após insistência de Bahlol, o santo explicitou a razão de sua pergunta. Ele disse:

“Todos os homens sabem, pelo menos,
que o mundo obedece ao comando de Deus.
Nem uma folha cai de uma árvore
Sem o decreto e ordem desse Senhor dos senhores;
Nem um bocado desce da boca da garganta
Até que Deus diga a ele: ‘Desce’” (MP3, 170).

O sábio queria dizer que não há ação humana que não tenha a marca e a direção de Deus. E continua a tecer suas considerações sobre a vida do ser humano sob essa misericordiosa Presença. O homem, diz o sábio:

“vive para Deus, não para os bens materiais;
Ele morre por Deus, não com medo e dor.
Sua fé tem como base seu desejo de fazer a vontade de Deus,
Não a esperança de ganhar o Paraíso com seus belos bosques e fontes.
Se evita a infidelidade, é também por amor de Deus,
E não por medo de cair no fogo” (MP3, 170)³⁷.

O santo cego mostra a importância de o fiel estar iluminado pela “lâmpada do amor de Deus”. O amor, comenta, “é o Fogo do Inferno de seus atributos, e queimou os atributos de si, cabelo por cabelo” (MF3, 1921-1922).

A história seguinte, que trata das visões do santo Daquíqi (XII), é igualmente de uma beleza ímpar. O personagem era alguém que fazia de suas viagens uma experiência de encontro com o esplendor do Amigo em forma humana, do Oceano numa gota d’água. E em certa noite, foi tomado pela admiração de uma visão de sete grandes luzes, que depois se uniram numa única luz. E a visão se desdobrou na transformação dessa

37 Há uma centralidade da paciência na mística de Rûmî. É a paciência que alimenta a lua durante a noite ou a rosa diante do espinho que protege o seu aroma. É a paciência que faz dos profetas os eleitos de Deus (MF6, 1408 e 1410). A “paciência é coroada pela fé: aquele que é desprovido de paciência, não tem fé” (MF2, 600); “Praticar a paciência é a alma de tuas glorificações: seja paciente, pois esta é a verdadeira glorificação” (MF2, 3145).

única luz em sete homens, que depois se transformaram em sete árvores. Movido por paciência³⁸, observou que as árvores inclinaram-se em oração, o que o fez lembrar de uma passagem do livro do Corão: “Plantas e árvores prostram-se em oração”³⁹. E as árvores voltaram a se transformar em sete homens, sendo Daquíqi indicado para dirigir suas preces (MP3, 172).

Daquíqi era alguém doce, como um singular amante de Deus e portador do dom dos milagres. Sua aparência era de alguém como “a lua do céu descida à terra”, como “uma luz para aqueles que andavam na escuridão. Raramente permanecia em um lugar, e raramente ficava dois dias numa aldeia. Ele dizia: ‘Se me demoro dois dias em uma casa, o apego a essa casa torna-se uma paixão para mim. Guardo-me de ser tentado a amar um lar’” (MP3, 172-173).

Era um homem misericordioso que buscava romper com as dualidades. Era “íntegro como a água” e pleno de compaixão. Reconhecia que Deus era quem agia em seu coração em busca de uma vida desprovida de apegos e desejos próprios. Era alguém, na verdade, “perdido em Deus” e guiado simplesmente pelo estupor de Sua vontade. Reconhecia bem que o verdadeiro amante é alguém que “viaja com o coração”. Sua vida era pautada por outro tipo de jornada, a do espírito e do embriagado de amor. E Rûmî resume bem a moral presente na história: “Nas adorações e bênçãos dos homens retos acham-se reunidos os louvores de todos os profetas” (MP3, 173-174; MF3, 1974-1990). Na raiz das orações, encontra-se a presença de Deus, pois o fiel vem aniquilado (fanâ). Tanto a invocação como a resposta procedem do Misericordioso (MF3, 2220). A visão proporcionada pelo misericordioso Daquíqi era ampliada, dotada do fogo do amor, cuja fervura escapa a qualquer possibilidade de alcance da linguagem comum. Com isso, favorecia uma perspectiva religiosa dialogal: “Todos os vasos são esvaziados em um único recipiente. Porque aquele que é louvado é, na verdade, só Um; Nesse aspecto, todas as religiões são uma só religião”. Os homens, com suas particularidades, prestam louvores ao Um. Mas devem estar atentos para não confundirem a luz da lua com o seu reflexo no poço. Alguns crentes acabam por louvar as imagens refletidas, muitas vezes ambíguas, em vez de debruçarem-se

38 Livro do Corão, Sura LV, 6.

39 Isso nos faz lembrar o Diwan de al-Hallaj (857-922), que numa de suas passagens sublinha que as religiões são “os muitos ramos de uma única Fonte”. E questiona o fato do fiel professar uma única religião. Isto para ele era sinal de distanciamento da Fonte segura: AL-HALLAJ. Diwan. Genova: Marietti, 1986.

dignamente para a lua em si, com sua beleza ímpar (MP3, 175; MF3, 2127-2131).

Outra história fala de uma mulher que perdeu todos os seus filhos (XVI). Nenhum dos filhos conseguiu sobreviver à idade de três ou quatro meses. Movidada por grande desespero, clamou a Deus, como Jó, e teve então uma bela visão dos jardins do Paraíso, e numa das moradas ali presentes, estava uma com seu nome inscrito. E ali pôde visualizar a presença de seus filhos. Tomada pela visão exclamou: “Ó Senhor! Eles foram perdidos para mim, mas estão a salvo contigo” (MP3, 190-191). O homem perfeito, diz Rûmî, é aquele capaz de vencer as adversidades com a “visão do invisível” (MF3, 3415). Trata-se de uma visão que desvela o Misericordioso e brilha concretamente nas práticas cotidianas (MP3, 191)⁴⁰.

Na história do ministro (vakil) do príncipe de Bokhara (XVII), narra-se o episódio de arrependimento do vakil por uma infração cometida. Ele atira-se aos pés do príncipe e perde os sentidos. Comovido com o gesto, o príncipe foi tomado de semelhante afeição, e “descendo do trono ergueu-o graciosamente do chão e perdoou sua ofensa” (MP3, 194). Rûmî serve-se dessa história para indicar aos seus seguidores que não há acesso à vida eterna senão mediante a total renúncia da vida:

“Quando Deus aparece a seu ardente amante, o amante é n’Ele absorvido, e não lhe resta nem um fio de cabelo. Os verdadeiros amantes são como sombras —quando o sol brilha em glória, as sombras desaparecem. O verdadeiro amante de Deus é aquele a quem Deus diz: ‘Eu sou teu e tu és Meu’” (MP3, 194)⁴¹.

Na história que trata da Mesquita Fatal (XVIII), Rûmî volta a falar na força da Misericórdia, que precede a ira e conforma a subsistência do ser, o “capital da existência” (MP3, 206; MF3, 4167). Discorre em seguida sobre as palavras do livro do Corão, que são simples mas nem sempre acessíveis. Há que ultrapassar o sentido exterior superficial para alcançar o seu segredo. É o que buscam fazer os sufis:

Sabe que as palavras do Alcorão são simples,
Mas dentro do sentido exterior há um sentido interior secreto.

40 Há uma passagem, ainda no livro III, onde Rûmî diz: “A fumaça desse amor e a dor desse coração ardente ascendeu até seu amo e excitou sua compaixão” (MP3, 201).

41 Em seu Rubâi’yât, Rûmî sinaliza: “O Amado é como o sangue nas veias e na pele, escorre em mim. De mim não resta mais que um nome, todo o resto é Ele”; RÛMÎ. Canzone d’amore per Dio (Rubâi’Yât). Torino: Piero Gribaudo Editore, 1991, p. 83.

Por baixo desse sentido secreto, há um terceiro,
Onde até a mais alta inteligência se perde.
O quarto significado nunca foi visto por ninguém
Exceto Deus, o Incomparável e Auto-Suficiente (...).
Portanto, ó filho, não limites tua visão ao sentido exterior,
Como os demônios viram em Adão apenas barro.
O sentido exterior do Alcorão é como o corpo de Adão,
Pois sua aparência é visível, mas sua alma está oculta”
(MP3, 208; MF3, 1244-1247)⁴².

Livro IV

O livro quarto abre-se com a história do amante e sua amada (I). No relato, o amante estivera separado por sete anos de sua amada, mas por perseverança volta a encontrar-se com ela. Aqui Rûmî trata de um tema precioso na vida mística islâmica, que é a paciência, a constância e a perseverança (MP4, 213-214). Na sequência, Rûmî trata um tema difícil, que é o mistério do Mal. Reconhece que “no mundo não há nada que seja absolutamente mal”, e que ele é “apenas relativo” (MP4, 215). E o Deus Misericordioso é o sempre-já-aí: “Se desejas que Deus te seja agradável, Olha então para Ele com os olhos daqueles que O amam” (MP4, 215).

Um tema que aparece na história II, em torno da construção do ‘templo mais remoto’ em Jerusalém, é o referente à percepção do humano como microcosmo ou macrocosmo. Se em geral o humano vem percebido pelos filósofos como um microcosmo, os místicos descortinam no humano uma perspectiva bem mais ampla, que reflete o macrocosmo. O místico capta no coração sua dimensão de movimento: “O coração viaja para a Caaba a todo momento” (MP4, 220). A dinâmica de aproximação do Mistério, que requer paciência, já ocorre no meio de nós, e Rûmî convoca os amantes a “calarem as palavras vãs” e seguir sem medo (MP4, 221). O Bem-Amado tem sempre a primazia. Ninguém busca o Mistério sem ter sido antes convocado por Ele. E esse amor ecoa no coração e suscita algo: “O barulho do aplauso não provém de uma única mão, sem que a outra intervenha para interagir” (MF4, 4397). Os eflúvios que vêm do céu possibilitam que até vozes dissonantes tornem-se melodiosas (MP4, 223).

42 Em outra de suas obras, Rûmî escreve algo semelhante: “O Corão é como uma recém casada: tentas retirar seu véu e ela não te mostra seu rosto”: RUMI. Fihi-Ma-Fihi. São Paulo: Attar, 1993, p. 302.

As melodias celestiais não estão distantes de nós, mas sua proximidade pode ficar ocultada por ferrugens que foram tomando conta do coração: “Embora a terra e a água tenham lançado seu véu sobre nós, guardamos pálidas reminiscências dessas canções celestiais”. A dificuldade de ouvir tais canções relaciona-se com esse embaçamento dos “véus terrenos”. Para auxiliar os buscadores, a presença da música (*samâ*), que é “o alimento dos amorosos de Deus” e a chave de acesso à “imagem da paz” (MF4, 742). Ainda no cenário desta história, o espetáculo da sede dos amantes, que são convidados a captar a linguagem dos pássaros e seu trinado de eternidade. Embalados por essa linguagem podem vislumbrar uma brisa que é doce e suave e dedicarem-se à construção de uma Caaba que é “o templo vivo do coração” (MP4, 225 e 228).

Em outra história (IV), acompanhamos certa passagem na vida do santo Bayazid, quando pronunciou aos seus discípulos palavras consideradas ímpias. Ele dizia: “Não há outro Deus além de Mim; adorai-me!”. Abu Yazid (Bayazid) Bistami é outro santo sufi do primeiro período do sufismo persa. Ele morreu em 874 D.C., tendo sido o primeiro místico sufi a descrever a experiência mística, recorrendo à viagem celeste do Profeta (mí'raj). Foi um dos mais clássicos místicos ébrios, que em estado de êxtase pronunciou palavras que escandalizaram o seu tempo. É quando o místico desapega-se de tal forma de si, que só permanece o outro, daí suas locuções teopáticas, como “louve a mim!”. Como diz Rûmî, estamos diante de uma “taça transbordante”, que sai de si mesma e faz a alvorada brilhar com força (MP43, 237). Sob o domínio do espírito, Bayazid “perde” a razão. “Quando a águia da alienação de si alçou voo, Bayazid começou a pronunciar coisas similares; a torrente da loucura arrastou sua razão, e ele falou mais impiamente que antes. “Dentro de Minhas vestes não há nada senão Deus” (MP4, 238; MF4, 2125). Reconhecendo o valor dessa experiência mística, em linha semelhante ao que ocorreu com Al-Hallaj, Rûmî assinala: “Aquele que está fora de si está aniquilado e a salvo; sim, ele está eternamente em segurança. Sua forma desvaneceu-se, ele é um mero espelho”⁴³. Deixa de ser “isso” ou “aquilo”, pois está agora “vazio de forma” (MP4, 239; MF4, 2139-2140)⁴⁴. Na visão de Rûmî, quando “o dis-

43 Mais adiante, Rûmî vai indagar: “Como tanta espiritualidade como a que se podia ver em Bayazid pudesse estar contida em um corpo terreno” (MP5, 314).

44 Assim como defendeu Bayazid, Rûmî entendeu plenamente a expressão ousada de Al Hallaj, martirizado em 922 D.C.: “Ana'l Haqq” (Eu sou a Verdade). Para ele tratava-se de um gesto de grande modéstia e não de arrogância. Queria dizer: “Eu não existo, Ele é tudo; excetuando Deus, nada tem existência. Eu sou vazio, nada sou”: RUMI. Fihi-ma-fihi. O livro do interior. São Paulo: Edições Dervish, 1993, p. 73. Também Attar reconhece o gesto de Hallaj como expressão de humildade: “Il suo ‘io’ era nell’Essenza annullato. Lì non era piu l’‘io’, era soltando Iddio”: Farîd al-din ATTÂR. La rosa e l’usignuolo. Roma: Carocci, 2003, p. 42.

curso chega a este ponto, os lábios se fecham; quando a pena chega a este ponto, parte-se ao meio. Fecha então teus lábios, embora a eloquência seja possível. Guarda silêncio, Deus sabe o que é melhor” (MP4, 239; MF4, 2145)⁴⁵. O que ocorre é de tal profundidade, que Rûmî aconselha aos leitores guardarem a experiência como um tesouro, sem divulgá-la em vão (MF4, 2148). Aos fiéis regulares, que só navegam nas exterioridades, uma tal visão escapa e, mais, choca profundamente. Os juízes, que baseiam suas opiniões nessas exterioridades, tomam decisões muitas vezes contra os “hereges”. São eles, porém, como diz Rûmî, que “derramaram secretamente o sangue de muitos verdadeiros crentes” (MP4, 241; MF4, 2177).

O tema de Moisés e o Faraó aparece em outra história (VI) e trata de uma longa discussão travada entre os dois. Enquanto o Faraó zomba de Moisés, que converteu sua vara numa serpente; por sua vez, Moisés retruca dizendo que o seu feito ocorreu pelo poder de Deus. O Faraó carecia de uma percepção das coisas divinas, faltando-lhe o sentido das coisas divinas. O homem de intuição espiritual, diz Rûmî, é portador de uma visão “purificada de desejo”. Ele é “todo olhos, e não vê mais duplo, mas vê apenas o Uno, único Ser real” (MP4, 245).

Livro V

O livro se abre com a história do profeta e seu hóspede infiel (I). O hóspede era um homem forte e rude, o gigante Og, que ninguém queria receber. Ele foi acolhido, mesmo sendo um “infiel”, mas depois do alimento espiritual, passou a confessar a fé islâmica. A história serve para Rûmî abordar o tema da tensão entre os atos exteriores e o estado interior do coração. O místico afegão não desconsidera os atos rituais, e reconhece que eles podem traduzir o testemunho interior do fiel. Insiste, porém, em destacar que os acidentes não são essenciais, mas apenas ponte para a manifestação da essência secreta: “A qualidade essencial perdura, e os acidentes passam” (MP5, 271). O que Mevlana quer reafirmar com vigor é a importância da sintonia entre palavras e atos. A língua dos atos é a mais essencial, diz Rûmî, enquanto a língua das palavras é frágil. Na verdade, temos nesse mundo três companheiros de rota: os amigos, as

⁴⁵ Trata-se de um estado de estupefação, também muito presente na reflexão de Rûmî. Ele sempre está a convocar seus discípulos para esse estado de espírito: “Estejam somente no estupor e maravilhamento, nada a mais para favorecer a ajuda de Deus que chega por todos os lados. Quando te tornas estupefato, enlouquecido e aniquilado, dizes sem palavras: ‘Guia-nos’” (MF4, 3751-3752).

riquezas (os bens) e a excelência das ações. Após a morte, nem tudo é levado junto. As riquezas não ultrapassam os muros do palácio; os amigos nos acompanham só até o túmulo. A riqueza de nossas ações, essas sim, serão essenciais no Dia do Julgamento. As ações são, de fato, as únicas fiéis, daí a importância de se “refugiar” nelas, pois elas nos acompanharão até as profundezas da morte (MF5, 1044-1050). Quando o fiel é tomado pelo perfume de Deus, não há caminho de volta: “Agora que me levaste a cheirar seu perfume, não me prives desse vinho almiscarado, ó Senhor da fé” (MP5, 272).

Seguem-se outras curtas histórias, até chegar na narrativa da inutilidade da mera imitação cega dos exercícios religiosos (VI). Rûmî teve fortes críticas aos teólogos legalistas, reconhecidos por ele como incapazes de contemplar a luz do espírito:

“Quando o Eterno aparece, o transitório é anulado;
O que sabe, então, o transitório do Eterno?
Quando Ele entra em contato com o temporal, deixa-o aturdido;
Depois que este se transforma em nada, Ele lança sua luz sobre ele” (MF5, 287).

Uma história muito bonita do Livro V é a que aborda a relação entre o célebre rei Mahmud e seu favorito servidor Ayáz (VIII). O servo era invejado pelos outros cortesãos, que tentaram de todo jeito quebrar o voto de confiança depositado nele pelo rei. Tramaram então algo para retirá-lo de seu posto. O servidor Ayáz tinha o hábito de se retirar todos os dias para uma câmara secreta e ali trancar-se por momentos. Por inveja, os outros cortesãos denunciaram ao rei que o que acontecia nessas saídas secretas era algo pecaminoso, envolvendo moedas roubadas do tesouro ou vinho e bebidas proibidas. Para a surpresa e decepção de todos, o que Ayáz ali guardava eram seus velhos sapatos e sua roupa rasgada, ou seja, os trajes que ele utilizava antes das honras concedidas pelo rei. E a razão de seu recolhimento na câmara secreta era simples e louvável. Seguindo o dito do Corão, ele não queria se esquecer jamais de sua origem humilde, evitando a cobiça e o orgulho. Como diz o Corão, na Sura LXXXVI,5, “Que o homem reflita no material que foi criado” (MP5, 293-294). O verdadeiro sufi é aquele que está tomado pela presença de Deus. Nada resta de sua existência senão o nome (MP5, 295).

O tema de Mahmud e Ayáz é retomado mais adiante, com a pergunta do rei ao fiel servidor sobre as razões das frequentes visitas às roupas e sapatos velhos. Indagava sobre os motivos das visitas às coisas mortas, “como uma mãe visitando seu filho morto, se não fosse porque a fé e o

amor faziam delas (...) coisas vivas para ele” (MP5, 311). E busca entender o ato, com explicações singelas:

“O olho vê o que ele compete ver, não pode ver nada além daquilo que tem competência para ver (...). As formas terrenas que nos cercam aqui são, por assim dizer, vasos cheios de vinho espiritual, só visíveis para aqueles que aprenderam a discernir as coisas profundas do Espírito” (MP5, 311).

Com base na história, Rûmî sublinha que “o vinho é daquele mundo, os recipientes, deste; os recipientes podem ser vistos, mas o vinho está oculto” (MP5, 312). O Mistério está oculto de nós, embora os céus estão repletos de uma luz “que é mais brilhante que o sol e a lua” (MP5, 312). Diz Rûmî: “Tu és como a alegria, e nós somos o riso; o riso é a consequência da alegria” (MP5, 313). Mevlana retoma a ideia da história de Moisés e o Pastor⁴⁶, indicando que ninguém como o pastor igualou-se em amor e devoção, ainda que suas expressões fossem “frágeis”: “Seu amor armou sua tenda nos céus” (MP5, 313). O silêncio, assinala Rûmî, “pode indicar emoções profundas demais para serem expressas, enquanto expressões eloquentes podem indicar que apenas os ouvidos, e não o coração, foram tocados”.

Livro VI

Rûmî assinala no prólogo deste livro que o desejo de escrever esta última parte ardia em seu coração. O Masnavi tinha se tornado um estandarte e um exemplo para o mundo. Oferece então ao homem espiritual este gesto derradeiro. Assinala que “o amor não tem nada a ver com os cinco sentidos ou os seis lados; sua única meta é ser atraído pelo Amado” (MP6, 329). Indica que aquele fiel que não cumpriu a circunvalação⁴⁷ pode agora cumpri-la em torno do Masnavi (MF6, 4). Rûmî assevera ainda que o Masnavi contém algo de misterioso, que não pode ser comunicado a não ser “àqueles que sabem”⁴⁸. É um livro que permanece obscuro aos céticos (MF6, 8; MP6, 329). Aos sedentos, porém, está aberto ao pleno desfrute (MP6, 330). E complementa: “Quando o Masnavi é purgado das

46 História 7 do Livro II.

47 O ato de circundar a Caaba sete vezes, inserido no rito islâmico da peregrinação (hajj).

48 Aos “conhecedores do segredo”.

letras e palavras, Ele as abandona todas, e aparece como o mar da Unidade” (MP6, 330).

Na história do emir turco bêbado e o menestrel (III), Rûmî trata temas importantes como o da aniquilação e a grandeza da embriaguez espiritual. O seguimento da vida espiritual pressupõe “abandonar a própria vontade, conhecimento e o próprio ser no rio inigualável da ‘aniquilação’ e, desse estado, elevar-se para um estado superior de existência eterna em Deus”⁴⁹. Antes da baqâ (subsistência) é necessário dissipar o que produz apego: “morrer antes de morrer”, como indica o livro do Corão, lembrado por Rûmî (MF6, 739⁵⁰). Nesse estado superior de “subsistência”, o olhar sobre o mundo ganha radical transformação. Abre-se, assim, o caminho para a percepção, por entre as cores da diversidade, a presença radical e sedutora do Uno. O olhar, assim modificado, enxerga para além das formas, visando o conteúdo, como um sábio (MP6, 341; MF6, 652). O olho corporal não vê senão o corpo, o olho espiritual vê “a alma e os dons múltiplos (MF6, 654). É o momento em que se alcança a dimensão profunda do que está dito no Corão 50,16: “Tu estás mais perto de mim que minha veia jugular” (MP6, 342; MF6, 668). É quando emerge o “Hu” (Ele) do Mistério na sua maior grandeza e proximidade. Entretanto, o homem espiritual guarda esse segredo no coração, pois “tem ciúmes de expor seus mistérios ao olhar dos profanos e, por excesso de cautela, vela-os com sinais e indícios” (MP6, 342).

O Masnavi é, assim, como outros tantos livros místicos, pleno de alusões que escapam ao olhar superficial. Como diz Rûmî, é

“uma loja de pobreza e auto-abnegação, um tesouro que contém somente as doutrinas da Unidade, e se suas histórias sugerem qualquer outra coisa, isso se deve aos maus impulsos de Iblis, que levou também o próprio Profeta a erradamente atribuir poder indevido aos ídolos de Lat e Uzza e Manat, em um versículo que foi depois cancelado” (MP6, 348)⁵¹.

49 Na tradição mística sufi a fanâ (aniquilação) não tem um fim em si mesma, mas desdobra-se na baqâ (subsistência). Trata-se de um estado mais elevado, que os budistas identificam como “cair corpo e mente”. A partir desse estado, “o normal mundo cotidiano fenomênico da multiplicidade torna a aparecer com a própria riqueza infinita das cores”: Toshihiko IZUTSU. *Unicità dell'esistenza*. Genova: Marietti, 1991, p. 13 e 43.

50 Rûmî fala em transmutação.

51 São os famosos versos satânicos, de que fala o escritor Salman Rushdie. Esses versos abordam o episódio em que Muhammad reconhece diante dos notáveis de sua tribo a força sagrada de Lat, Uzza e Manat, que eram divindades do panteão árabe pré-islâmico. Entendidos como palavras inspiradas por satanás, os versos acabaram não sendo incorporados na versão canônica do Corão. A única menção que o Livro faz das mesmas está na Sura 53,23.

O sufi é aquele que tem consciência de que o corpo é somente sombra ou espuma, mas uma “espuma que nasce e vive no Oceano (Deus)” (MP6, 350). E em belo poema, Rûmî sublinha:

“Como pode a mera espuma mover-se senão pelas ondas?
Como pode a poeira subir ao alto se não for erguida pelo vento?
Quando vês uma nuvem de poeira, vê o vento também!
Quando vês a espuma, vê o oceano que a carrega!
Ah! Olha até que possas ver tua própria e verdadeira causa final,
O resto de ti é só gordura e carne, urdidura e trama.
Tua gordura não acende nem luz nem chama em um lampião;
Tua carne modelada não é boa para assar.
Queima, então, todo esse teu corpo com discernimento;
Desperta para a visão, para a visão, para a visão!”⁵² (MP6, 350).

Em outra história, do faquir e o tesouro escondido (VI), Rûmî fala do fechamento de filósofos, sábios e homens cultos diante da generosidade de Deus. São obstinados na sua visão particular, e “procuram muito longe aquilo que, na realidade, está perto deles” (MP6, 354)⁵³. Essa reflexão do místico afegão reforça aquela ideia, tantas vezes repetida no Masnavi, que pontua a prevalência de Deus. Não há que se concentrar nos próprios esforços, ocultando a “ajuda” de Deus. E Mevlana recorre ao Corão: Foste instruído a pôr uma flecha em teu arco, mas não a puxar o arco com toda a tua força, como andaste fazendo. Atira o mais delicadamente que puderes, para que a flecha possa cair perto de ti, pois o tesouro escondido está de fato ‘mais perto de ti que tua veia jugular’ (Corão 50,6; MP6, 355). O que sugere Rûmî é um trabalho eficiente de “decapitação do egocentrismo”, e para tanto serve o recurso do Masnavi, que é a “butique da Unidade” (MF6, 1528).

O tesouro de Deus está bem perto de nós. É o que busca repetir Rûmî, como um mantra, ao final de seu Masnavi. E o exemplo do arqueiro é sempre retomado: “Fixa uma flecha na corda, mas não a faças voar longe. Quando ela cair, cava nesse lugar e procura. Abandona a força e busca o tesouro com humildade” (MP6, 359). Há que lançar longe, aí sim, a flecha da especulação, e reconhecer com um outro olhar o tesouro que

52 Na tradução francesa: “Dissous ton corps tout entier dans la vision: deviens regard, deviens regard, deviens regard” (MF6, 1463). E manter sempre viva a presença de Deus no coração: “La mémoration de Dieu met la pensée en mouvement; fais du dhikr un soleil pour la pensée gelée”: MF6, 1476.

53 Algo semelhante ao que diz a poupa no discurso de abertura da conferência dos pássaros, do místico persa Attar: “Está perto de nós, mas nós estamos longe dele”: Farid Ud-din ATTAR. A conferência dos pássaros. São Paulo: Cultrix, p. 22.

se encontra bem perto. Diga ao filósofo, comenta Rûmî, que ele está “de costas para esse tesouro; diga a ele que quanto mais ele corre de um lado para o outro, mais se afasta do desejo de seu coração” (MP6, 359). O empenho seguro é aquele que se dá nos “Nossos caminhos” e não no empenho “para longe de Nós”. Na visão de Rûmî, o paraíso é o lugar dos simples, ou seja, daqueles “que escaparam dos ardis da filosofia”. É só despiando-se do “intelecto presunçoso” que o buscador vem hospedado pela graça, que então vem derramada do alto (MP6, 360). A palavra final é decisiva: “Abandona a inteligência e associa-te à simplicidade de espírito!” (MP6, 360).

Já quase ao final de seu Masnavi, Rûmî narra a história do rei e seus três filhos (IX). Os filhos eram a luz dos olhos do rei, onde “a palmeira de seu coração bebia a água da felicidade” (MP6, 371). Um dia, o rei convocou os filhos a fazerem uma viagem pelo seu reino, com uma única advertência, de não se aproximarem de um determinado forte. Contrariando o pai, os filhos foram, em primeiro lugar, ao forte, e ali enfrentaram muitas calamidades. Aquele forte “estava repleto de pinturas, imagens e formas, e entre elas, havia um retrato de uma bela donzela, a filha do rei da China, que causou profunda impressão nos três príncipes” (MP6, 372). Eles então decidiram viajar para aquele país para pedir a mão da jovem em casamento.

A história serve para Rûmî trabalhar a questão da superficialidade das formas. Diz ele: “Não te embriagues com essas taças de formas, para que não te convertas em um criador e adorador de ídolos (...). Há vinho nas taças, mas ele não procede delas. Olha com a boca aberta para Aquele que dá o vinho; quando Seu vinho chega, não é a taça pequena demais para contê-la?” (MP6, 372). Embora as pedras, tábuas e tijolos sejam fundamentais para o pensamento do arquiteto, não são elas que abrem o acesso ao “santuário do pensamento”. Na verdade, “o Agente Absoluto é sem forma, a forma é apenas uma ferramenta em Suas mãos”. Por vezes, é através do “Não-ser” que Aquele que não tem forma manifesta as suas formas, munido de sua Misericórdia (MP6, 373).

Assim como o homem “cru” não consegue captar a linguagem dos pássaros, ficando restrito ao domínio exterior da linguagem, somente os “verdadeiros pássaros espirituais” têm acesso ao segredo de Salomão. Esse segredo veio inspirado por Deus. Os vulgos são simples “pássaros do ar”, e estão muito distantes do ninho da Simorg⁵⁴. Este ninho está para além do monte Qaf, onde os pensamentos de uma visão fugaz não con-

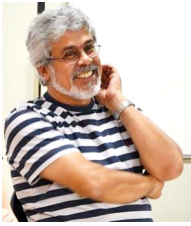
54 Ao contrário do que muitos ocidentais pensam, Simorg, rei dos pássaros e símbolo de Deus, é um personagem feminino: Farîd od-dîn 'Attar. *Le cantique des oiseaux*. Paris: Diane de Selliers, 2012, p. 20.

seguem alcançar (MP6, 377). Aos estranhos está vedado o nome puro de Deus, porque lhes falta o que é essencial, que é o amor. Diz Rûmî: “Quando a alma está intimamente unida a Deus, Mencionar um é o mesmo que mencionar o outro” (MP6, 378)⁵⁵. Deus está sempre “próximo dos que o invocam fielmente” (MP6, 379).

Já ao fim do livro, Rûmî canta as alegrias da união com o Amado, que não podem ser expressas em palavras. E o místico afegão deixa o horizonte em aberto, quando assinala que “a história pode ser contada até esse ponto, mas o que se segue está oculto e não pode ser expresso em palavras” (MP6, 383). Por mais que o ser humano se esforce para expressar da melhor forma possível, o Mistério permanece aceso. As palavras permanecem inúteis e o “Mistério não fica mais claro” (MP6, 383).

Não é tarefa nada fácil aventurar-se nas páginas do Masnavi para buscar os pontos mais fundamentais do pensamento do grande Rûmî. O que foi feito aqui é apenas um breve ensaio, frágil, que revela a percepção singular de um admirador da mística sufi. Não tenho dúvida de que um outro olhar desvendaria facetas singulares embrenhadas nas diversas histórias desse precioso livro. Essa era uma tarefa que eu estava me propondo desde 2003, quando dei um curso sobre o livro. Os esquemas ficaram guardados, esperando a melhor ocasião para favorecer um esboço de reflexão. É assim que vejo essa minha tentativa de traçar um roteiro livre do Masnavi. O que posso garantir como certeza, é que o texto vai abrir o apetite de muitos leitores, de estudiosos da religião e da mística, para adentrar-se com carinho e cuidado neste oceano, que é o pensamento esotérico de Rûmî. Trata-se de um pensamento que não se desnuda para qualquer um, ou em qualquer momento. Há que ter o coração aquecido para penetrar nos meandros sempre alusivos de sua reflexão.

55 Rûmî está aqui fazendo menção à história de amor entre Yussuf e Zuleika, contada e recontada diversas vezes nos países muçulmanos. O desejo de Zuleika por Yussuf pode ser traduzido como a busca da alma por Deus. Como diz Rûmî, “tudo o que Issa (Jesus) realizou em nome de Jeová, Zuleika conseguiu através do nome Yussuf”. Quando existe amor, aí sim, podemos pronunciar o nome vivo e puro de Deus.



Faustino Teixeira é professor e pesquisador do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Religião da Universidade Federal de Juiz de Fora, Minas Gerais - PPCIR-UFJF. É doutor e pós-doutor em Teologia pela Pontifícia Universidade Gregoriana, de Roma. É autor de *Caminhos da mística* (São Paulo: Paulinas, 2018), *Em que Creio Eu* (São Paulo: Terceira Via, 2017), *Finitude e Mistério. Mística e Literatura Moderna* (Rio de Janeiro: Mauad, 2014). Também organizou, entre outros, *Nas teias da delicadeza* (São Paulo: Paulinas, 2006), *As religiões no Brasil: continuidades e rupturas* (Petrópolis:

Vozes, 2006), este em parceria com Renata Menezes, e *As orações da humanidade* (Petrópolis: Vozes, 2018), em parceria com Volney Berkenbrock.

Outras contribuições do autor

- **Grande sertão: veredas, uma epopeia metafísica.** Entrevista especial com Faustino Teixeira, publicada nas Notícias do dia de 5-8-2019, no sítio do Instituto Humanitas Unisinos - IHU, disponível em <http://bit.ly/2DdJg2j>.

- **Etty Hillesum canta a alegria contra o ódio.** Entrevista especial com Faustino Teixeira, publicada nas Notícias do dia de 15-4-2019, no sítio do Instituto Humanitas Unisinos - IHU, disponível em <http://bit.ly/2KRAzyY>.

- **A feminilidade da mística em Teresa d'Ávila.** Entrevista especial com Faustino Teixeira, publicada nas Notícias do dia de 10-10-2015, no sítio do Instituto Humanitas Unisinos - IHU, disponível em <http://bit.ly/2m1hFu>.

- **Fora da Misericórdia não há salvação.** Entrevista especial com Faustino Teixeira, publicada nas Notícias do dia de 26-7-2016, no sítio do Instituto Humanitas Unisinos - IHU, disponível em <http://bit.ly/2SypofX>.

- **O desafio de acessar a dimensão de profundidade do cristianismo.** Entrevista com Faustino Teixeira, publicada na revista IHU On-Line número 209, de 18-12-2006, disponível em <http://bit.ly/2L2XiXJ>.

- **John Hick, teologia cristã e pluralismo religioso: o arco-íris das religiões.** Entrevista com Faustino Teixeira, publicada na revista IHU On-Line número 162, de 31-10-2005, disponível em <http://bit.ly/2L4yOxg>.

- **Mística comparada: semelhanças na diferença.** Entrevista com Faustino Teixeira, publicada na revista IHU On-Line número 133, de 21-3-2005, disponível em <http://bit.ly/2BW30Yz>.

- **O budismo e o “silêncio sobre Deus”**. Entrevista com Faustino Teixeira, publicada na revista IHU On-Line número 308, de 17-7-2009, disponível em <http://bit.ly/2zMohT3>.

- **“Muita reza e pouca missa, muito santo e pouco padre”: o Catolicismo Plural**. Entrevista especial com Faustino Teixeira e Renata Menezes, publicada nas Notícias do dia de 13-1-2010, no sítio do Instituto Humanitas Unisinos - IHU, disponível em <http://bit.ly/2G2O5Qs>.

- **Encontro de Assis: uma “viagem fraterna” rumo a um horizonte maior**. Entrevista especial com Faustino Teixeira, publicada nas Notícias do dia de 27-10-2011, no sítio do Instituto Humanitas Unisinos - IHU, disponível em <http://bit.ly/2RETz51>.

CADERNOS IHU IDEIAS

- N. 01 *A teoria da justiça de John Rawls* – José Nedel
- N. 02 *O feminismo ou os feminismos: Uma leitura das produções teóricas* – Edla Eggert
O Serviço Social junto ao Fórum de Mulheres em São Leopoldo – Clair Ribeiro Ziebell e Acadêmicas Anemarie Kirsch Deutrich e Magali Beatriz Strauss
- N. 03 *O programa Linha Direta: a sociedade segundo a TV Globo* – Sonia Montañó
- N. 04 *Emani M. Fiori – Uma Filosofia da Educação Popular* – Luiz Gilberto Kronbauer
- N. 05 *O ruído de guerra e o silêncio de Deus* – Manfred Zeuch
- N. 06 *BRASIL: Entre a Identidade Vazia e a Construção do Novo* – Renato Janine Ribeiro
- N. 07 *Mundos televisivos e sentidos identitários na TV* – Suzana Klipp
- N. 08 *Simões Lopes Neto e a Invenção do Gaúcho* – Márcia Lopes Duarte
- N. 09 *Oligopólios midiáticos: a televisão contemporânea e as barreiras à entrada* – Valério Cruz Brittos
- N. 10 *Futebol, mídia e sociedade no Brasil: reflexões a partir de um jogo* – Edison Luis Gastaldo
- N. 11 *Os 100 anos de Theodor Adorno e a Filosofia depois de Auschwitz* – Márcia Tiburi
- N. 12 *A domesticação do exótico* – Paula Caleffi
- N. 13 *Pomeranas parceiras no caminho da roça: um jeito de fazer Igreja, Teologia e Educação Popular* – Edla Eggert
- N. 14 *Júlio de Castilhos e Borges de Medeiros: a prática política no RS* – Gunter Axt
- N. 15 *Medicina social: um instrumento para denúncia* – Stela Nazareth Meneghel
- N. 16 *Mudanças de significado da tatuagem contemporânea* – Débora Krieschke Leitão
- N. 17 *As sete mulheres e as negras sem rosto: ficção, história e trivialidade* – Mário Maestri
- N. 18 *Um itinerário do pensamento de Edgar Morin* – Maria da Conceição de Almeida
- N. 19 *Os donos do Poder, de Raymundo Faoro* – Helga Iracema Ladgraf Piccolo
- N. 20 *Sobre técnica e humanismo* – Oswaldo Giacobbi Junior
- N. 21 *Construindo novos caminhos para a intervenção societária* – Lucilda Selli
- N. 22 *Física Quântica: da sua pré-história à discussão sobre o seu conteúdo essencial* – Paulo Henrique Dionísio
- N. 23 *Atualidade da filosofia moral de Kant, desde a perspectiva de sua crítica a um solipsismo prático* – Valério Rohden
- N. 24 *Imagens da exclusão no cinema nacional* – Miriam Rossini
- N. 25 *A estética discursiva da tevê e a (des)configuração da informação* – Nisia Martins do Rosário
- N. 26 *O discurso sobre o voluntariado na Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS* – Rosa Maria Serra Bavaresco
- N. 27 *O modo de objetivação jornalística* – Beatriz Alcaraz Marocco
- N. 28 *A cidade afetada pela cultura digital* – Paulo Edison Belo Reyes
- N. 29 *Prevalência de violência de gênero perpetrada por companheiro: Estudo em um serviço de atenção primária à saúde – Porto Alegre, RS* – José Fernando Dresch Kronbauer
- N. 30 *Getúlio, romance ou biografia?* – Juremir Machado da Silva
- N. 31 *A crise e o êxodo da sociedade salarial* – André Gorz
- N. 32 *À meia luz: a emergência de uma Teologia Gay* – Seus dilemas e possibilidades – André Sidnei Musskopf
- N. 33 *O vampirismo no mundo contemporâneo: algumas considerações* – Marcelo Pizarro Noronha
- N. 34 *O mundo do trabalho em mutação: As reconfigurações e seus impactos* – Marco Aurélio Santana
- N. 35 *Adam Smith: filósofo e economista* – Ana Maria Bianchi e Antonio Tiago Loureiro Araújo dos Santos
- N. 36 *Igreja Universal do Reino de Deus no contexto do emergente mercado religioso brasileiro: uma análise antropológica* – Ailton Luiz Jungblut
- N. 37 *As concepções teórico-analíticas e as proposições de política econômica de Keynes* – Fernando Ferrari Filho
- N. 38 *Rosa Egípcia: Uma Santa Africana no Brasil Colonial* – Luiz Mott
- N. 39 *Malthus e Ricardo: duas visões de economia política e de capitalismo* – Gentil Corazza
- N. 40 *Corpo e Agenda na Revista Feminina* – Adriana Braga
- N. 41 *A (anti)filosofia de Karl Marx* – Leda Maria Paulani
- N. 42 *Veblen e o Comportamento Humano: uma avaliação após um século de “A Teoria da Classe Ociosa”* – Leonardo Monteiro Monasterio
- N. 43 *Futebol, Mídia e Sociabilidade. Uma experiência etnográfica* – Edison Luis Gastaldo, Rodrigo Marques Leistner, Ronei Teodoro da Silva e Samuel McGinity
- N. 44 *Genealogia da religião. Ensaio de leitura sistêmica de Marcel Gauchet. Aplicação à situação atual do mundo* – Gérard Donnadieu
- N. 45 *A realidade quântica como base da visão de Teilhard de Chardin e uma nova concepção da evolução biológica* – Lothar Schäfer
- N. 46 *“Esta terra tem dono”. Disputas de representação sobre o passado missionário no Rio Grande do Sul: a figura de Sepé Tiaraju* – Ceres Karam Brum
- N. 47 *O desenvolvimento econômico na visão de Joseph Schumpeter* – Achyles Barcelos da Costa
- N. 48 *Religião e elo social. O caso do cristianismo* – Gérard Donnadieu
- N. 49 *Copérnico e Kepler: como a terra saiu do centro do universo* – Geraldo Monteiro Sigaud
- N. 50 *Modernidade e pós-modernidade – luzes e sombras* – Evilázio Teixeira
- N. 51 *Violenças: O olhar da saúde coletiva* – Éilda Azevedo Henington e Stela Nazareth Meneghel
- N. 52 *Ética e emoções morais* – Thomas Kesseling
Juízos ou emoções: de quem é a primazia na moral? – Adriano Naves de Brito
- N. 53 *Computação Quântica. Desafios para o Século XXI* – Fernando Haas
- N. 54 *Atividade da sociedade civil relativa ao desarmamento na Europa e no Brasil* – An Vranckx
- N. 55 *Terra habitável: o grande desafio para a humanidade* – Gilberto Dupas
- N. 56 *O decrescimento como condição de uma sociedade convivial* – Serge Latouche
- N. 57 *A natureza da natureza: auto-organização e caos* – Günter Küppers
- N. 58 *Sociedade sustentável e desenvolvimento sustentável: limites e possibilidades* – Hazel Henderson
- N. 59 *Globalização – mas como?* – Karen Gloy
- N. 60 *A emergência da nova subjetividade operária: a sociabilidade invertida* – Cesar Sanson
- N. 61 *Incidente em Antares e a Trajetória de Ficção de Erico Veríssimo* – Regina Zilberman
- N. 62 *Três episódios de descoberta científica: da caricatura empirista a uma outra história* – Fernando Lang da Silveira e Luiz O. Q. Peduzzi
- N. 63 *Negações e Silenciamentos no discurso acerca da Juventude* – Cátia Andressa da Silva
- N. 64 *Getúlio e a Gira: a Umbanda em tempos de Estado Novo* – Artur Cesar Isaia
- N. 65 *Darcy Ribeiro e O povo brasileiro: uma alegoria humanista tropical* – Léa Freitas Perez
- N. 66 *Adoece: Morrer ou Viver? Reflexões sobre a cura e a não cura nas reduções jesuítico-guaranis (1609-1675)* – Eliane Cristina Deckmann Fleck
- N. 67 *Em busca da terceira margem: O olhar de Nelson Pereira dos Santos na obra de Guimarães Rosa* – João Guilherme Barone
- N. 68 *Contingência nas ciências físicas* – Fernando Haas
- N. 69 *A cosmologia de Newton* – Ney Lemke

- N. 70 *Física Moderna e o paradoxo de Zenon* – Fernando Haas
- N. 71 *O passado e o presente em Os Inconfidentes*, de Joaquim Pedro de Andrade – Miriam de Souza Rossini
- N. 72 *Da religião e de juventude: modulações e articulações* – Léa Freitas Perez
- N. 73 *Tradição e ruptura na obra de Guimarães Rosa* – Eduardo F. Coutinho
- N. 74 *Raça, nação e classe na historiografia de Moysés Vellinho* – Mário Maestri
- N. 75 *A Geologia Arqueológica na Unisinos* – Carlos Henrique Nowatzki
- N. 76 *Campesinato negro no período pós-abolição: repensando Coronelismo, enxada e voto* – Ana Maria Lugão Rios
- N. 77 *Progresso: como mito ou ideologia* – Gilberto Dupas
- N. 78 *Michael Aglietta: da Teoria da Regulação à Violência da Moeda* – Octávio A. C. Conceição
- N. 79 *Dante de Laytano e o negro no Rio Grande Do Sul* – Moacyr Flores
- N. 80 *Do pré-urbano ao urbano: A cidade missioneira colonial e seu território* – Arno Alvarez Kern
- N. 81 *Entre Canções e versos: alguns caminhos para a leitura e a produção de poemas na sala de aula* – Gláucia de Souza
- N. 82 *Trabalhadores e política nos anos 1950: a ideia de "sindicalismo populista" em questão* – Marco Aurélio Santana
- N. 83 *Dimensões normativas da Biótica* – Alfredo Culleton e Vicente de Paulo Barretto
- N. 84 *A Ciência como instrumento de leitura para explicar as transformações da natureza* – Attico Chassot
- N. 85 *Demanda por empresas responsáveis e Ética Concorrencial: desafios e uma proposta para a gestão da ação organizada do varejo* – Patricia Almeida Ashley
- N. 86 *Autonomia na pós-modernidade: um delírio?* – Mario Fleig
- N. 87 *Gauchismo, tradição e Tradicionalismo* – Maria Eunice Maciel
- N. 88 *A ética e a crise da modernidade: uma leitura a partir da obra de Henrique C. de Lima Vaz* – Marcelo Perine
- N. 89 *Limites, possibilidades e contradições da formação humana na Universidade* – Laurício Neumann
- N. 90 *Os índios e a História Colonial: Iêdo Cristina Pompa e Regina Almeida* – Maria Cristina Bohn Martins
- N. 91 *Subjetividade moderna: possibilidades e limites para o cristianismo* – Franklin Leopoldo e Silva
- N. 92 *Saberes populares produzidos numa escola de comunidade de catadores: um estudo na perspectiva da Etnomatemática* – Daiane Martins Bocasanta
- N. 93 *A religião na sociedade dos indivíduos: transformações no campo religioso brasileiro* – Carlos Alberto Steil
- N. 94 *Movimento sindical: desafios e perspectivas para os próximos anos* – Cesar Sanson
- N. 95 *De volta para o futuro: os precursores da nanotecnociência* – Peter A. Schulz
- N. 96 *Vianna Moog como intérprete do Brasil* – Enildo de Moura Carvalho
- N. 97 *A paixão de Jacobina: uma leitura cinematográfica* – Mariângela Andrea Kunz
- N. 98 *Resiliência: um novo paradigma que desafia as religiões* – Susana Maria Rocca Larrosa
- N. 99 *Sociabilidades contemporâneas: os jovens na lan house* – Vanessa Andrade Pereira
- N. 100 *Autonomia do sujeito moral em Kant* – Valério Rohden
- N. 101 *As principais contribuições de Milton Friedman à Teoria Monetária: parte 1* – Roberto Camps Moraes
- N. 102 *Uma leitura das inovações bio(nano)tecnológicas a partir da sociologia da ciência* – Adriano Premebida
- N. 103 *ECODI – A criação de espaços de convivência digital virtual no contexto dos processos de ensino e aprendizagem em metaverso* – Eliane Schlemmer
- N. 104 *As principais contribuições de Milton Friedman à Teoria Monetária: parte 2* – Roberto Camps Moraes
- N. 105 *Futebol e identidade feminina: um estudo etnográfico sobre o núcleo de mulheres gremistas* – Marcelo Pizarro Noronha
- N. 106 *Justificação e prescrição produzidas pelas Ciências Humanas: Igualdade e Liberdade nos discursos educacionais contemporâneos* – Paula Corrêa Henning
- N. 107 *Da civilização do segredo à civilização da exibição: a família na vitrine* – Maria Isabel Barros Bellini
- N. 108 *Trabalho associado e ecologia: vislumbrando um ethos solidário, temo e democrático?* – Telmo Adams
- N. 109 *Transumanismo e nanotecnologia molecular* – Celso Candido de Azambuja
- N. 110 *Formação e trabalho em narrativas* – Leandro R. Pinheiro
- N. 111 *Autonomia e submissão: o sentido histórico da administração* – Yéda Crusius no Rio Grande do Sul – Mário Maestri
- N. 112 *A comunicação paulina e as práticas publicitárias: São Paulo e o contexto da publicidade e propaganda* – Denis Gerson Simões
- N. 113 *Isto não é uma janela: Flusser, Surrealismo e o jogo contra* – Esp. Yentl Delanhési
- N. 114 *SBT, jogo, televisão e imaginário de azar brasileiro* – Sonia Montano
- N. 115 *Educação cooperativa solidária: perspectivas e limites* – Carlos Daniel Baio
- N. 116 *Humanizar o humano* – Roberto Carlos Fávero
- N. 117 *Quando o mito se torna verdade e a ciência, religião* – Rôber Freitas Bachinski
- N. 118 *Colonizando e descolonizando mentes* – Marcelo Dascal
- N. 119 *A espiritualidade como fator de proteção na adolescência* – Luciana F. Marques e Débora D. Dell'Aglio
- N. 120 *A dimensão coletiva da liderança* – Patricia Martins Fagundes Cabral e Nedio Seminoti
- N. 121 *Nanotecnologia: alguns aspectos éticos e teológicos* – Eduardo R. Cruz
- N. 122 *Direito das minorias e Direito à diferenciação* – José Rogério Lopes
- N. 123 *Os direitos humanos e as nanotecnologias: em busca de marcos regulatórios* – Wilson Engelmann
- N. 124 *Desejo e violência* – Rosane de Abreu e Silva
- N. 125 *As nanotecnologias no ensino* – Solange Binotto Fagan
- N. 126 *Câmara Cascuo: um historiador católico* – Bruna Rafaela de Lima
- N. 127 *O que o câncer faz com as pessoas? Reflexões na literatura universal: Leo Tolstói* – Thomas Mann – Alexander Soljenitsin – Philip Roth – Karl-Josef Kuschel
- N. 128 *Dignidade da pessoa humana e o direito fundamental à identidade genética* – Ingo Wolfgang Sarlet e Selma Rodrigues Petterle
- N. 129 *Aplicações de caos e complexidade em ciências da vida* – Ivan Amaral Guernini
- N. 130 *Nanotecnologia e meio ambiente para uma sociedade sustentável* – Paulo Roberto Martins
- N. 131 *Aphilia como critério de inteligibilidade da mediação comunitária* – Rosa Maria Zaia Borges Abrão
- N. 132 *Linguagem, singularidade e atividade de trabalho* – Marlene Teixeira e Ederson de Oliveira Cabral
- N. 133 *A busca pela segurança jurídica na jurisdição e no processo sob a ótica da teoria dos sistemas sociais de Niklas Luhmann* – Leonardo Grison
- N. 134 *Motores Biomoleculares* – Ney Lemke e Luciano Hennemann
- N. 135 *As redes e a construção de espaços sociais na digitalização* – Ana Maria Oliveira Rosa
- N. 136 *De Marx a Durkheim: Algumas apropriações teóricas para o estudo das religiões afro-brasileiras* – Rodrigo Marques Leistner
- N. 137 *Redes sociais e enfrentamento do sofrimento psíquico: sobre como as pessoas reconstruem suas vidas* – Breno Augusto Souto Maior Fontes
- N. 138 *As sociedades indígenas e a economia do dom: O caso dos guaranis* – Maria Cristina Bohn Martins
- N. 139 *Nanotecnologia e a criação de novos espaços e novas identidades* – Marise Borba da Silva
- N. 140 *Platão e os Guarani* – Beatriz Helena Domingues
- N. 141 *Direitos humanos na mídia brasileira* – Diego Airoso da Motta

- N. 142. *Jornalismo Infantil: Apropriações e Aprendizagens de Crianças na Recepção da Revista Recreio* – Greycy Vargas
- N. 143. *Derrida e o pensamento da desconstrução: o redimensionamento do sujeito* – Paulo Cesar Duque-Estrada
- N. 144. *Inclusão e Biopolítica* – Maura Corcini Lopes, Kamila Lockmann, Morgana Domênica Hattge e Viviane Klaus
- N. 145. *Os povos indígenas e a política de saúde mental no Brasil: composição simétrica de saberes para a construção do presente* – Bianca Sordi Stock
- N. 146. *Reflexões estruturais sobre o mecanismo de REDD* – Camila Moreno
- N. 147. *O animal como próximo: por uma antropologia dos movimentos de defesa dos direitos animais* – Caetano Sordi
- N. 148. *Avaliação econômica de impactos ambientais: o caso do aterro sanitário em Canoas-RS* – Fernanda Schutz
- N. 149. *Cidadania, autonomia e renda básica* – Josué Pereira da Silva
- N. 150. *Imagética e formações religiosas contemporâneas: entre a performance e a ética* – José Rogério Lopes
- N. 151. *As reformas político-econômicas pombalinas para a Amazônia: e a expulsão dos jesuítas do Grão-Pará e Maranhão* – Luiz Fernando Medeiros Rodrigues
- N. 152. *Entre a Revolução Mexicana e o Movimento de Chiapas: a tese da hegemonia burguesa no México ou "por que voltar ao México 100 anos depois" – Claudia Wasseman*
- N. 153. *Globalização e o pensamento econômico franciscano: Orientação do pensamento econômico franciscano e Caritas in Veritate* – Stefano Zamagni
- N. 154. *Ponto de cultura teko arandu: uma experiência de inclusão digital indígena na aldeia kaiowá e guarani Te'ityke no município de Caarapó-MS* – Neimar Machado de Sousa, Antonio Brand e José Francisco Sarmento
- N. 155. *Civilizar a economia: o amor e o lucro após a crise econômica* – Stefano Zamagni
- N. 156. *Intermitências no cotidiano: a clínica como resistência inventiva* – Mário Francis Petry Londero e Simone Mainieri Paulon
- N. 157. *Democracia, liberdade positiva, desenvolvimento* – Stefano Zamagni
- N. 158. *"Passemos para a outra margem": da homofobia ao respeito à diversidade* – Omar Lucas Perrout Fortes de Sales
- N. 159. *A ética católica e o espírito do capitalismo* – Stefano Zamagni
- N. 160. *O Slow Food e novos princípios para o mercado* – Eriberto Nascente Silveira
- N. 161. *O pensamento ético de Henri Bergson: sobre As duas fontes da moral e da religião* – André Brayner de Farias
- N. 162. *O modus operandi das políticas econômicas keynesianas* – Fernando Ferrari Filho e Fábio Henrique Bittes Terra
- N. 163. *Cultura popular tradicional: novas mediações e legitimizações culturais de mestres populares paulistas* – André Luiz da Silva
- N. 164. *Será o decrescimento a boa nova de Ivan Illich?* – Serge Latouche
- N. 165. *Agostos! A "Crise da Legalidade": vista da janela do Consulado dos Estados Unidos em Porto Alegre* – Carla Simone Rodeghero
- N. 166. *Convivialidade e decrescimento* – Serge Latouche
- N. 167. *O impacto da plantação extensiva de eucalipto nas culturas tradicionais: Estudo de caso de São Luis do Paraitinga* – Marcelo Henrique Santos Toledo
- N. 168. *O decrescimento e o sagrado* – Serge Latouche
- N. 169. *A busca de um ethos planetário* – Leonardo Boff
- N. 170. *O salto mortal de Louk Hulsman e a desinstitucionalização do ser: um convite ao abolicionismo* – Marco Antonio de Abreu Scapini
- N. 171. *Sub specie aeternitatis – O uso do conceito de tempo como estratégia pedagógica de religação dos saberes* – Gerson Egas Severo
- N. 172. *Theodor Adorno e a frieza burguesa em tempos de tecnologias digitais* – Bruno Pucci
- N. 173. *Técnicas de si nos textos de Michel Foucault: A influência do poder pastoral* – João Roberto Barros II
- N. 174. *Da mônada ao social: A intersubjetividade segundo Levinas* – Marcelo Fabri
- N. 175. *Um caminho de educação para a paz segundo Hobbes* – Lucas Mateus Dalseto e Everaldo Cescon
- N. 176. *Da magnitude e ambivalência à necessária humanização da tecnociência segundo Hans Jonas* – Jelson Roberto de Oliveira
- N. 177. *Um caminho de educação para a paz segundo Locke* – Odair Camati e Paulo César Nodari
- N. 178. *Crime e sociedade estamental no Brasil: De como la ley es como la serpiente; solo pica a los descalzos* – Lenio Luiz Streck
- N. 179. *Um caminho de educação para a paz segundo Rousseau* – Mateus Boldori e Paulo César Nodari
- N. 180. *Limites e desafios para os direitos humanos no Brasil: entre o reconhecimento e a concretização* – Afonso Maria das Chagas
- N. 181. *Apátridas e refugiados: direitos humanos a partir da ética da alteridade* – Gustavo Oliveira de Lima Pereira
- N. 182. *Censo 2010 e religiões: reflexões a partir do novo mapa religioso brasileiro* – José Rogério Lopes
- N. 183. *A Europa e a ideia de uma economia civil* – Stefano Zamagni
- N. 184. *Para um discurso jurídico-penal libertário: a pena como dispositivo político (ou o direito penal como "discurso-limite")* – Augusto Jobim do Amaral
- N. 185. *A identidade e a missão de uma universidade católica na atualidade* – Stefano Zamagni
- N. 186. *A hospitalidade frente ao processo de reassentamento solidário aos refugiados* – Joseane Mariéle Schuck Pinto
- N. 187. *Os arranjos colaborativos e complementares de ensino, pesquisa e extensão na educação superior brasileira e sua contribuição para um projeto de sociedade sustentável no Brasil* – Marcelo F. de Aquino
- N. 188. *Os riscos e as loucuras dos discursos da razão no campo da prevenção* – Luis David Castiel
- N. 189. *Produções tecnológicas e biomédicas e seus efeitos produtivos e prescritivos nas práticas sociais e de gênero* – Marlene Tamanini
- N. 190. *Ciência e justiça: Considerações em torno da apropriação da tecnologia de DNA pelo direito* – Claudia Fonseca
- N. 191. *#VEMpraRUA: Outono brasileiro? Leituras* – Bruno Lima Rocha, Carlos Gadea, Giovanni Alves, Giuseppe Cocco, Luiz Werneck Vianna e Rudá Ricci
- N. 192. *A ciência em ação de Bruno Latour* – Leticia de Luna Freire
- N. 193. *Laboratórios e Extrações: quando um problema técnico se torna uma questão socio-técnica* – Rodrigo Ciconet Dornelles
- N. 194. *A pessoa na era da biopolítica: autonomia, corpo e subjetividade* – Heloisa Helena Barboza
- N. 195. *Felicidade e Economia: uma retrospectiva histórica* – Pedro Henrique de Moraes Campetti e Jorgo Wickstrom Alves
- N. 196. *A colaboração de Jesuítas, Leigos e Leigas nas Universidades confiadas à Companhia de Jesus: o diálogo entre humanismo evangélico e humanismo tecnocientífico* – Adolfo Nicolás
- N. 197. *Brasil: verso e reverso constitucional* – Fábio Konder Comparato
- N. 198. *Sem-religião no Brasil: Dois estranhos sob o guarda-chuva* – Jorge Claudio Ribeiro
- N. 199. *Uma ideia de educação segundo Kant: uma possível contribuição para o século XXI* – Felipe Bragagnolo e Paulo César Nodari
- N. 200. *Aspectos do direito de resistir e a luta social por moradia urbana: a experiência da ocupação Raízes da Praia* – Natália Martinuzzi Castilho
- N. 201. *Desafios éticos, filosóficos e políticos da biologia sintética* – Jordi Maiso
- N. 202. *Fim da Política, do Estado e da cidadania?* – Roberto Romano
- N. 203. *Constituição Federal e Direitos Sociais: avanços e recuos da cidadania* – Maria da Glória Gohn
- N. 204. *As origens históricas do racionalismo, segundo Feyerabend* – Miguel Ângelo Flach

- N. 205 *Compreensão histórica do regime empresarial-militar brasileiro* – Fábio Konder Comparato
- N. 206 *Sociedade tecnológica e a defesa do sujeito: Technological society and the defense of the individual* – Karla Saraiva
- N. 207 *Territórios da Paz: Territórios Produtivos?* – Giuseppe Cocco
- N. 208 *Justiça de Transição como Reconhecimento: limites e possibilidades do processo brasileiro* – Roberta Camineiro Baggio
- N. 209 *As possibilidades da Revolução em Elul* – Jorge Barrantes-Parra
- N. 210 *A grande política em Nietzsche e a política que vem em Agamben* – Márcia Rosane Junges
- N. 211 *Foucault e a Universidade: Entre o governo dos outros e o governo de si mesmo* – Sandra Caponi
- N. 212 *Verdade e História: arqueologia de uma relação* – José D'Assunção Barros
- N. 213 *A Relevante Herança Social do Pe. Amstad SJ* – José Odelson Schneider
- N. 214 *Sobre o dispositivo. Foucault, Agamben, Deleuze* – Sandro Chignola
- N. 215 *Repensar os Direitos Humanos no Horizonte da Libertação* – Alejandro Rosillo Martinez
- N. 216 *A realidade complexa da tecnologia* – Alberto Cupani
- N. 217 *A Arte da Ciência e a Ciência da Arte: Uma abordagem a partir de Paul Feyerabend* – Hans Georg Flickinger
- N. 218 *O ser humano na idade da técnica* – Humberto Galimberti
- N. 219 *A Racionalidade Contextualizada em Feyerabend e suas Implicações Éticas: Um Paralelo com Alasdair MacIntyre* – Halina Macedo Leal
- N. 220 *O Marquês de Pombal e a Invenção do Brasil* – José Eduardo Franco
- N. 221 *Neurofuturos para sociedades de controle* – Timothy Lenoir
- N. 222 *O poder judiciário no Brasil* – Fábio Konder Comparato
- N. 223 *Os marcos e as ferramentas éticas das tecnologias de gestão* – Jesús Conill Sancho
- N. 224 *O restabelecimento da Companhia de Jesus no extremo sul do Brasil (1842-1867)* – Luiz Fernando Medeiros Rodrigues
- N. 225 *O grande desafio dos indígenas nos países andinos: seus direitos sobre os recursos naturais* – Xavier Albó
- N. 226 *Justiça e perdão* – Xabier Etxebarria Mauleon
- N. 227 *Paraguai: primeira vigilância massiva norte-americana e a descoberta do Arquivo do Terror (Operação Condor)* – Martín Almada
- N. 228 *A vida, o trabalho, a linguagem. Biopolítica e biocapitalismo* – Sandro Chignola
- N. 229 *Um olhar biopolítico sobre a bioética* – Anna Quintanas Feixas
- N. 230 *Biopoder e a constituição étnico-racial das populações: Racismo, eugenia e a gestão biopolítica da mestiçagem no Brasil* – Gustavo da Silva Kern
- N. 231 *Bioética e biopolítica na perspectiva hermenêutica: uma ética do cuidado da vida* – Jesús Conill Sancho
- N. 232 *Migrantes por necessidade: o caso dos senegaleses no Norte do Rio Grande do Sul* – Dirceu Benincá e Vânia Aguiar Pinheiro
- N. 233 *Capitalismo biocognitivo e trabalho: desafios à saúde e segurança* – Elsa Cristine Bevan
- N. 234 *O capital no século XXI e sua aplicabilidade à realidade brasileira* – Róber Hurriet Avila & João Batista Santos Conceição
- N. 235 *Biopolítica, raça e nação no Brasil (1870-1945)* – Mozart Linhares da Silva
- N. 236 *Economias Biopolíticas da Dívida* – Michael A. Peters
- N. 237 *Paul Feyerabend e Contra o Método: Quarenta Anos do Início de uma Provocação* – Halina Macedo Leal
- N. 238 *O trabalho nos frigoríficos: escravidão local e global?* – Leandro Inácio Walter
- N. 239 *Brasil: A dialética da dissimulação* – Fábio Konder Comparato
- N. 240 *O irrepresentável* – Homero Santiago
- N. 241 *O poder pastoral, as artes de governo e o estado moderno* – Castor Bartolomé Ruiz
- N. 242 *Uma crise de sentido, ou seja, de direção* – Stefano Zamagni
- N. 243 *Diagnóstico Socioterritorial entre o chão e a gestão* – Dirce Koga
- N. 244 *A função-educador na perspectiva da biopolítica e da governamentalidade neoliberal* – Alexandre Filardi de Carvalho
- N. 245 *Esquecer o neoliberalismo: aceleracionismo como terceiro espírito do capitalismo* – Moysés da Fountora Pinto Neto
- N. 246 *O conceito de subsunção do trabalho ao capital: rumo à subsunção da vida no capitalismo biocognitivo* – Andrea Fumagalli
- N. 247 *Educação, indivíduo e biopolítica: A crise do governo* – Dora Lília Marin-Diaz
- N. 248 *Reinvenção do espaço público e político: o individualismo atual e a possibilidade de uma democracia* – Roberto Romano
- N. 249 *Jesuitas em campo: a Companhia de Jesus e a questão agrária no tempo do CLACIAS (1966-1980)* – Iraneilson Santos Costa
- N. 250 *A Liberdade Viglada: Sobre Privacidade, Anonimato e Vigilantismo com a Internet* – Pedro Antonio Dourado de Rezende
- N. 251 *Políticas Públicas, Capitalismo Contemporâneo e os horizontes de uma Democracia Estrangeira* – Francini Lube Guizardi
- N. 252 *A Justiça, Verdade e Memória: Comissão Estadual da Verdade* – Carlos Frederico Guazzelli
- N. 253 *Reflexões sobre os espaços urbanos contemporâneos: quais as nossas cidades?* – Vinicius Nicastro Hinesko
- N. 254 *Ubuntu como ética africana, humanista e inclusiva* – Jean-Bosco Kakzi Kashindi
- N. 255 *Mobilização e ocupações dos espaços físicos e virtuais: possibilidades e limites da reinvenção da política nas metrópoles* – Marcelo Castañeda
- N. 256 *Indicadores de Bem-Estar Humano para Povos Tradicionais: O caso de uma comunidade indígena na fronteira da Amazônia Brasileira* – Luiz Felipe Barbosa Lacerda e Luis Eduardo Acosta Muñoz
- N. 257 *Cerrado. O laboratório antropológico ameaçado pela desterritorialização* – Altair Sales Barbosa
- N. 258 *O impensado como potência e a desativação das máquinas de poder* – Rodrigo Karmy Bolton
- N. 259 *Identidade de Esquerda ou Pragmatismo Radical?* – Moysés Pinto Neto
- N. 260 *Itinerários versados: redes e identizações nas periferias de Porto Alegre?* – Leandro Rogério Pinheiro
- N. 261 *Fugindo para a frente: limites da reinvenção da política no Brasil contemporâneo* – Henrique Costa
- N. 262 *As sociabilidades virtuais globalizadas na metrópole: experiências do ativismo cibernético do grupo Direitos Urbanos no Recife* – Breno Augusto Souto Maior Fontes e Davi Barboza Cavalcanti
- N. 263 *Seis hipóteses para ler a conjuntura brasileira* – Sauro Bellezza
- N. 264 *Saúde e igualdade: a relevância do Sistema Único de Saúde (SUS)* – Stela N. Meneghel
- N. 265 *Economia política aristotélica: cuidando da casa, cuidando do comum* – Armando de Melo Lisboa
- N. 266 *Contribuições da teoria biopolítica para a reflexão sobre os direitos humanos* – Aline Albuquerque
- N. 267 *O que resta da ditadura? Estado democrático de direito e exceção no Brasil* – Giuseppe Tosi
- N. 268 *Contato e improvisação: O que pode querer dizer autonomia?* – Alana Moraes de Souza
- N. 269 *A perversão da política moderna: a apropriação de conceitos teológicos pela máquina governamental do Ocidente* – Osiel Lourenço de Carvalho
- N. 270 *O campo de concentração: Um marco para a (bio) política moderna* – Viviane Zaremski Braga
- N. 271 *O que caminhar ensina sobre o bem-viver? Thoreau e o apelo da natureza* – Flavio Williges
- N. 272 *Interfaces da morte no imaginário da cultura popular mexicana* – Rafael Lopez Villaseñor
- N. 273 *Poder, persuasão e novos domínios da(s) identidade(s) diante do(s) fundamentalismo(s) religioso(s) na contemporaneidade brasileira* – Celso Gabatz
- N. 274 *Tarefa da esquerda permanece a mesma: barrar o caráter predatório automático do capitalismo* – Acacium Oliveira

- N. 275 *Tendências econômicas do mundo contemporâneo* – Alessandra Smerilli
- N. 276 *Uma crítica filosófica à teoria da Sociedade do Espetáculo em Guy Debord* – Atilio Machado Peppe
- N. 277 *O Modelo atual de Capitalismo e suas formas de Captura da Subjetividade e de Exploração Social* – José Roque Junges
- N. 278 *Da esperança ao ódio: Juventude, política e pobreza do lulismo ao bolsonarismo* – Rosana Pinheiro-Machado e Lucia Murj Scalco
- N. 279 *O mal-estar na cultura medicamentalizada* – Luis David Castiel
- N. 280 *Mistérios da economia (divina) e do ministério (angélico). Quando a teologia fornece um paradigma para a filosofia política e esta retroage à teologia* – Alain Gignac
- N. 281 *A Campanha da Legalidade e a radicalização do PTB na década de 1960. Reflexos no contexto atual* – Mário José Maestri Filho
- N. 282 *A filosofia moral de Adam Smith face às leituras reducionistas de sua obra: ensaio sobre os fundamentos do indivíduo egoísta contemporâneo* – Angela Ganem
- N. 283 *Vai, malandra. O despertar ontológico do planeta fome* – Armando de Melo Lisboa
- N. 284 *Renda básica em tempos difíceis* – Josué Pereira da Silva
- N. 285 *Isabelle Stengers No tempo das catástrofes. Quinze questões e um artifício sobre a obras* – Ricardo de Jesus Machado
- N. 286 *O “velho capitalismo” e seu fôlego para dominação do tempo e do espaço* – Luiz Gonzaga Belluzzo
- N. 287 *A tecnologia na vida cotidiana e nas instituições: Heidegger, Agamben e Sloterdijk* – Itamar Soares Veiga
- N. 288 *Para arejar a cúpula do judiciário* – Fábio Konder Comparato
- N. 289 *A Nova Previdência via de transformação estrutural da seguridade social brasileira* – Mari-linda Marques Fernandes
- N. 290 *A Universidade em busca de um novo tempo* – Prof. Dr. Pe. Pedro Gilberto Gomes
- N. 291 *Tributação, políticas públicas e propostas fiscais do novo governo* – Róber Iurmet Avila e Mário Lúcio Pedrosa Gomes Martins
- N. 292 *As identidades Chiquitanas em perigo nas fronteiras* – Aloir Pacini
- N. 293 *Mudança de paradigma pós-crise do coronavírus* – Fábio Carlos Rodrigues Alves



UNISINOS